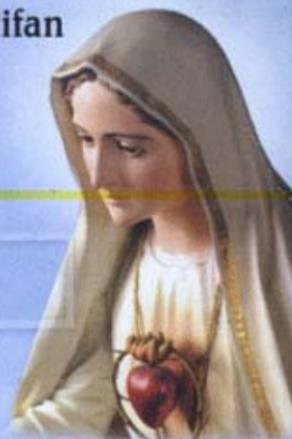
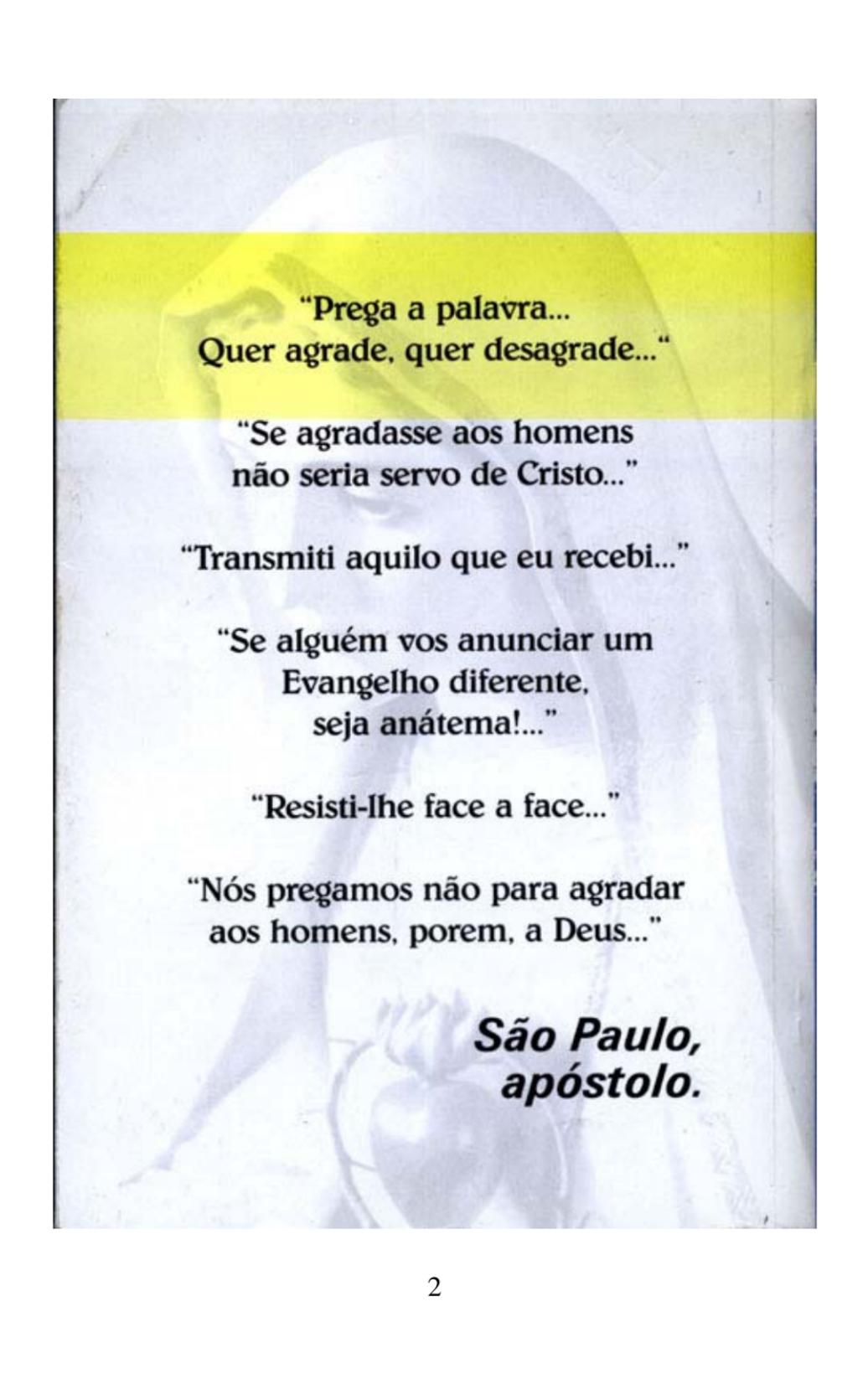


Pe. Fernando Arêas Rifan



**QUER
AGRADE
QUER
DESAGRADE**





**“Prega a palavra...
Quer agrade, quer desagrade...”**

**“Se agradasse aos homens
não seria servo de Cristo...”**

“Transmiti aquilo que eu recebi...”

**“Se alguém vos anunciar um
Evangelho diferente,
seja anátema!...”**

“Resisti-lhe face a face...”

**“Nós pregamos não para agradar
aos homens, porem, a Deus...”**

***São Paulo,
apóstolo.***

Pessoas de bom senso, uni-vos!

A crise atual, muito mais do que econômica e social, é sobretudo moral e religiosa.

É crise de bom senso.

São raras hoje as pessoas de senso comum, de senso crítico, enfim, de bom senso.

E quem ainda o tem é taxado, pejorativamente, de moralista, radical, direitista, conservador, retrógrado, tradicionalista, etc.

E, por medo de receber tais adjetivos, muita gente capitula e adere à maioria.

Os artigos do Pe. Fernando Arêas Rifan, que ora publicamos, além de um convite à reflexão, é uma convocação a todas as pessoas de bom senso à responsabilidade e ao empenho na luta pelas causas sadias e por uma sociedade melhor.

A União Sacerdotal São João Maria Batista Vianney, a que pertence o Pe. Fernando Arêas Rifan, é uma associação de sacerdotes da Diocese de Campos, RJ, que se empenham por se manterem fiéis à tradição dogmática, moral e litúrgica da Igreja Católica Apostólica Romana.

Reconhecendo e respeitando as autoridades da Igreja, eles resistem, no entanto, a tudo o que favorece à “autodemolição” da Igreja e, pela exigência da salvação das almas, continuam a exercer o seu apostolado e o atendimento aos fiéis.

Conscientes de que é o melhor serviço que podem prestar à Santa Igreja, ao Papa, aos Bispos e aos fiéis, eles continuam a crer, ensinar e fazer o que a Igreja Católica sempre creu, ensinou e praticou.

QUER AGRADE, QUER DESAGRADE.

Pe. Fernando Arêas Rifan

Índice

APRESENTAÇÃO	7
--------------------	---

I

As duas famílias	14
Natal pagão ou cristão	16
O velho e o novo	18
Paz e pazes	20
As duas cidades	22
Alegrias tristes e tristezas alegres.....	24
A Verdade	26
O julgamento de Pilatos	28
Mundo de Contradições	30
O Direito da Blasfêmia.....	32
Vitória do Bom Senso	34
Filosofando: Paz e Guerra.....	36
In hoc signo vinces.....	38
O Cristão e a Doença.....	40
A morte, mestra da vida	42

II

Tradição: conceitos claros.....	44
Verdade X Autoridade	46
Demolições.....	50
Resistência construtiva.....	52
Respondendo objeções	54
Caso Lefebvre	57
A intolerância da verdade.....	59
Liberais intolerantes	61
Punições sintomáticas	63
Um ano da “excomunhão”	65
A virtude da sinceridade.....	67
Desastres da ambigüidade	69
Civilização ou Barbárie.....	71
400 por hora!	73

Viva o Papa!	75
Porque somos Católicos Apostólicos Romanos.....	78
O Santo Sudário	80
Apostasia	83

III

Opções políticas	86
Donde vem o poder?	88
Postulados falsos	90
A fraqueza dos bons	92
Política e Virtudes Cristãs	94
Eleitorado, povo e massa.....	96
A esquerda e a direita	98
Celebrando uma tragédia.....	100
Bicentenário da Revolução Francesa	102
O outro lado da história	104
Perestroika.....	106
Raciocinem, por favor!.....	108
Um outro 7º mandamento.....	110
De que lado está a Igreja?	112
Um grande equívoco	114
A questão fundiária	116
Reforma agrária – reflexões	118

IV

O antigo e o novo na educação.....	120
No mundo das idéias	122
“A favor” e “contra” na educação	124
Os direitos da criança	127
Televisão: análise e alerta	129
Perversão programada	131
Refletindo sobre a televisão	133
O professor ideal	135
Filosofia do esporte	137

Homenagem aos 25 anos de Ordenação
– Jubileu de Prata Sacerdotal –
do Revmo. Pe. Fernando Arêas Rifan
1974-1999

APRESENTAÇÃO

Como parte das comemorações do jubileu de prata sacerdotal do Revmo. Pe. Fernando Arêas Rifan, ocorreu-nos a feliz idéia de reunirmos em um livro uma coletânea de vários artigos por ele escritos e publicados, em diferentes épocas, em diversos órgãos da imprensa.

Os artigos que selecionamos versam sobre assuntos variados, mas sempre com uma equilibrada visão católica, conforme a Igreja sempre orientou os seus fiéis.

Os leitores terão assim uma recordação instrutiva e esclarecedora das lutas, idéias e orientações do Revmo. Pe. Fernando Arêas Rifan, que, aliás, coincidem com as dos Revmos. Padres fiéis à Tradição Católica, da União Sacerdotal São João Maria Batista Vianney, de Campos dos Goytacazes, RJ.

“Quer agrade, quer desagrede”!

Certamente este livro não agradará a todos. Nem é sua pretensão. Bom sinal! O próprio Jesus não conseguiu a unanimidade do beneplácito popular. São Paulo, autor da frase, título deste livro, exclamava: *“Se alguém vos anunciar um Evangelho diferente daquele que recebestes, seja anátema. Porque, em suma, é a aprovação dos homens que eu procuro, ou a de Deus? Porventura é aos homens que eu pretendo agradar? Se agradasse ainda aos homens, não seria servo de Cristo”* (Gal. I, 9 e 10).

Mas todos admirarão a sinceridade e a clareza de posições do autor, que preferiu o “sim sim não não” do Evangelho à conivência

com o erro e à cumplicidade na “autodemolição da Igreja” com pretensões e aplausos e reconhecimentos oficiais. Como pitorescamente comentou um jornalista da “esquerda”: “*Pe. Fernando é um inimigo em quem se pode confiar!*”, reconhecendo, apesar de divergir dele, a lisura e lealdade do seu posicionamento.

Junto com esta homenagem, a nossa gratidão ao Revmo. Pe. Fernando Arêas Rifan, pelos seus 25 anos de vida sacerdotal, vividos para a glória de Deus e bem das almas, conforme o seu lema: “Jesus às almas, almas a Jesus!”, sob a proteção da Mãe Celestial, a quem ele consagrou sua vocação e seu sacerdócio.

Amigos e Paroquianos da Igreja do
Imaculado Coração de Nossa Senhora
do Rosário de Fátima
- Campos dos Goytacazes – RJ

Pe. Fernando Arêas Rifan

Dados biográficos

Nascido na vizinha “cidade poema” de São Fidélis, RJ, em 25 de Outubro de 1950, filho único de pais católicos, Sr. Bady José Rifan, bancário, e Sra. Jovelina Arêas Rifan (Dona Jove), florista e dona de casa, fez seus estudos primários e secundários em São Fidélis, entrando no Seminário diocesano aos 12 anos de idade.

Tendo cursado Seminário menor e maior (Filosofia e Teologia), foi ordenado sacerdote aos 24 anos de idade, em 8 de Dezembro de 1974, na Catedral-Basílica do SSmo. Salvador em Campos, RJ, por sua Exa. Revma. Dom Antônio de Castro Mayer, então Bispo Diocesano de Campos.

Além de secretário particular do Bispo Diocesano, foi logo nomeado Diretor Diocesano do Ensino Religioso, quando impulsionou a catequese em toda a Diocese, professor de Filosofia no Seminário, função que já exercia desde o 3º ano de teologia, conselheiro diocesano e Pároco da Paróquia de Nossa Senhora do Rosário, na cidade de Campos.

Procurou sempre orientar o povo através dos meios de comunicação, tendo, há 16 anos, um programa diário na Rádio Continental de Campos (Ave Maria, às 18 horas) e participando, a convite, de inúmeros e contínuos debates e entrevistas nas rádios, jornais e TVs da região, do estado e do país.

Durante a perseguição aos padres da linha tradicional na Diocese de Campos, foi o seu porta-voz, representante e defensor convicto e esclarecedor, não se furtando a nenhum debate ou entrevista, mesmo os mais difíceis.

Permanecendo fiel à Tradição da Igreja de sempre, ao invés de favorecer ao Modernismo destruidor da Fé Católica, preferiu suportar a perda dos cargos a compactuar com a autodemolição da Igreja.

Fundou em 1978 e dirige até hoje o Centro Catequético-Social Nossa Senhora do Rosário de Fátima, com grande atividade catequética e social na cidade de Campos, especialmente nos bairros pobres e favelas bem como em mais de 20 centros de assistência em toda a zona rural, com orientação catequética e assistência social. Formou o “Dispensário São Vicente de São Paulo”, para distribuição mensal de roupas e mantimentos a dezenas de famílias pobres, especialmente na zona rural. Fundou em 1983 e preside até hoje a Sociedade beneficente sem fins lucrativos “Centro Educacional 13 de Maio”, cujo objetivo é promover a educação, desenvolver a cultura e promover atividades beneficentes.

Fundou e dirige, há 16 anos, o Colégio Três Pastorinhos, hoje com 380 alunos, do maternal à 8ª série, desenvolvendo uma ampla atividade educacional em prol da infância e da juventude.

Recebeu, por tudo isso, uma “Moção de Solidariedade e Aplausos”, votada por unanimidade pela Câmara Municipal de Campos dos Goytacazes, “por motivo dos grandes e incalculáveis serviços de benfeitoria e de amor que vem espalhando pelo Município, pela sua obra catequética, educacional e social”.

Foi homenageado pela Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro com a Medalha Tiradentes, em 21 de Abril de 1991.

Recebeu o título honorífico de Cidadão Campista, em 6 de Agosto de 1993, “pelos relevantes serviços prestados a este Município”.

Recebe este ano, a “Ordem do Mérito Benta Pereira”, honraria da Câmara Municipal de Campos pelos seus relevantes serviços prestados à comunidade, como homenagem ao seu jubileu.

Tem sido inúmeras vezes convidado para proferir palestras e conferências nos Estados Unidos, Canadá e na Europa.

Tem representado os padres da Tradição, proferindo diversas conferências, nos Congressos Teológicos em Roma, promovidos pelo jornal católico internacional “Si Si No No”.

Tem sido o responsável pela expansão da Tradição por outros estados do Brasil, criando núcleos de católicos tradicionais em São Paulo, Paraná, Goiás, Brasília e Rio Grande do Sul.

Tem dirigido várias peregrinações internacionais a Roma, Lourdes e Fátima, para incrementação da devoção e da cultura católica.

É conselheiro e porta-voz da União Sacerdotal São João Maria Vianney, dos padres de Campos da linha tradicional da Igreja Católica.

Celebra o seu jubileu sacerdotal em 8 de Dezembro de 1999.

“Ad multos annos!”

Os Editores

Homenagem póstuma de gratidão aos saudosos pais do Revmo. Pe. Fernando Arêas Rifan, Sr. BADY JOSÉ RIFAN e Sra. JOVELINA ARÊAS RIFAN (D. JOVE) que, além de nos darem o filho sacerdote, sempre foram grandes benfeitores de nossa paróquia.

“... Nós, seus pais, sentimo-nos honrados porque aquele nosso único filho, que de bom grado oferecemos a Deus, já que por Ele foi chamado a consagrar sua vida no sacerdócio, com a graça de Deus, tem sido fiel à sua vocação e está honrando a sua batina, sua fé e a doutrina tradicional da Igreja, mesmo à custa de muitas perseguições...”

(Trecho da carta do Sr. Bady e D. Jove à imprensa, em Setembro de 1986, quando da perseguição, na Diocese, aos padres fiéis à Tradição).

*“Prega a palavra, insiste
Quer Agrade
Quer Desagrade,
repreende, adverte, exorta
com toda a paciência e doutrina.
Porque virá tempo em que os
homens
não suportarão a sã doutrina,
mas multiplicarão para si
mestres conforme os seus desejos,
levados pela curiosidade de ouvir.
E afastarão os seus ouvidos da
verdade
para os abrirem às fábulas...”*

São Paulo, apóstolo
(II TIM 4, 2-4)

As duas famílias

Norte-Sul ou Leste-Oeste? Alguns defendem que a grande divisão do mundo atual é entre países ricos e países pobres, países desenvolvidos do hemisfério norte, denominados primeiro e segundo mundo, e países pobres do hemisfério sul, a que chamam de terceiro mundo.

Outros, com mais propriedade, dividem o mundo entre o Leste e o Oeste, bloco oriental socialista e comunista e bloco ocidental capitalista.

Mas a verdadeira divisão do mundo é de um antagonismo muito mais profundo e remonta às origens da humanidade. Através da cadeia de crises históricas, cujos últimos elos nos tempos modernos se identificam com o naturalismo renascentista, a revolta protestante, a revolução francesa e o materialismo comunista, podemos chegar à primeira de todas as crises, que foi a revolta de nossos primeiros pais contra o supremo domínio de Deus. “*Sereis como deuses*”, lhes sugeriu Lúcifer, incutindo neles o germe da sua própria revolta contra Nosso Senhor.

E a partir daí surgiu a grande divisão do mundo em duas famílias antagônicas, divisão que transparece da própria sentença divina ao castigar a serpente tentadora: “*Porei inimizades entre ti e a Mulher, entre a tua descendência e a descendência dela; ela te esmagará a cabeça e tu procurarás armar ciladas ao seu calcanhar*” (Gênesis 3, 15).

Além dos filhos de Deus, identificados como filhos de Nossa Senhora, a Mulher que esmagará a cabeça da serpente infernal, vemos aí descritos os filhos de Lúcifer, que lutam contra a família de Deus: duas famílias com inimizades irreconciliáveis, porque os princípios que as movem são antagônicos.

A família de Deus e da Virgem se nutre das virtudes cristãs da humildade, espírito de pobreza (coração livre de ambição dos bens deste mundo) e mortificação dos sentidos.

A família do Diabo se nutre de orgulho, ambição e sensualidade.

E a linha divisória entre essas duas famílias não coincide com a linha do Equador ou dos meridianos ou com o limite dos países, mas passa pelas inteligências, pelas consciências e pelos corações.

Às vezes vemos membros dessas duas famílias agrupados em instituições, sociedades e grupos. Mas, muitíssimas vezes também, se difundem e se interpenetram, o que torna a luta muito mais fácil.

Num mesmo país, numa mesma cidade, na mesma oficina, no mesmo escritório e até numa mesma casa, há um que pertence à família de Deus e outro que pertence à família do Diabo, dependendo dos princípios que regem a sua vida. Uns são partidários da revolução, outros das virtudes cristãs. Uns se batem pelos direitos do homem sem Deus, outros lutam pelos direitos de Deus que fazem a felicidade do homem. Uns querem uma política sem Deus, um direito sem Deus, uma economia sem Deus, enfim uma sociedade paganizada. Outros desejam de coração o reinado de Nosso Senhor nas sociedades, nos tribunais, nas leis, nas instituições e nos corações.

Você, caro leitor, já se examinou para ver a qual família pertence?!

Que a vitória será da parte de Deus, isso é certíssimo, pois Nossa Senhora vai esmagar a cabeça da serpente. Resta saber de que lado estaremos nós no dia em que soar a vitória da família de Deus.

Natal pagão ou cristão

É preciso recristianizar o Natal.

Foi numa noite fria, há cerca de 1999 anos que nasceu, pobrezinho, o Salvador do mundo, para nos salvar e ensinar o caminho de volta para Deus que o homem havia perdido.

Embora não se saiba o dia exato do nascimento de Cristo (os judeus seguiam o calendário lunar) a Igreja escolheu o dia 25 de Dezembro para celebrar o Natal de Cristo, a fim de cristianizar uma grande festa pagã que se fazia em Roma neste dia: *Dies Natalis Solis*. Substituiu-se a festa do deus sol pela comemoração do Natal do verdadeiro Sol do mundo, Nosso Senhor Jesus Cristo.

Com a neo-paganização do mundo e o conseqüente esquecimento do verdadeiro Deus e idolatria dos novos deuses da sociedade, o prazer e o dinheiro, o contrário vai se verificando: a paganização do Natal, a substituição da festa cristã por comemorações onde reinam o mercantilismo, a sensualidade, as bebedeiras e até carnaval.

Recristianizemos o Natal.

Que o nosso Natal seja o Natal cristão do nascimento de Cristo, onde aprendemos as sábias lições deste Divino Mestre Infante.

Do seu trono, o presépio de palhas. Ele nos ensina a humildade e a simplicidade de coração.

Dali Ele nos ensina a necessidade de seguirmos o seu único caminho para alcançarmos a salvação: chamou, através de uma estrela, os Magos do Oriente para arrancá-los das trevas da idolatria e ensinar-lhes a Fé católica: ali já ficava condenado o ecumenismo que tenta parificar as religiões.

Dali, do seu palácio real, a gruta-estrebaria, ele nos ensina que os bens deste mundo, o dinheiro e as riquezas, não são a felicidade. Lição para os ricos e para os pobres: que os ricos aprendam a

caridade e o desapego desses bens passageiros; e os pobres aprendam a liberar o coração da inveja e da ambição.

Dali nos ensina a verdadeira fraternidade cristã. Ali não se prega a luta de classes. Lá estão os pobres – os pastores – e os ricos – os Reis Magos. Todos têm o seu lugar no coração do Menino Jesus. Deus não quer nem a exploração nem a ganância, nem a revolta nem a inveja. Quer a harmonia, a justiça e a caridade entre todos.

Sigamos as lições deste Mestre Menino, e o nosso Natal – nossa vida e nosso mundo – será feliz.

Feliz Natal para todos, Natal Cristão!

O velho e o novo

Nada há de novo debaixo do sol, diz a Bíblia Sagrada. A verdade é uma: não muda e não pode mudar. E os erros, apesar de múltiplos, se repetem sempre.

Deus é sempre o mesmo, sempre novo: *“Estas coisas perecerão, mas Tu permanecerás, e todas envelhecerão como um vestido... Tu porém és sempre o mesmo, e os teus anos não têm fim”* (Salmo 101, 27).

A verdade, por ser o reflexo de Deus imutável, não muda: é sempre antiga e sempre nova. Assim ensina São Paulo: *“Jesus Cristo é sempre o mesmo ontem e hoje; Ele o será também por todos os séculos. Não vos deixeis levar por doutrinas várias e estranhas”* (Hebr. 13, 8-9). Por isso a verdade não tem idade nem época. O que era verdadeiro no tempo de Cristo, é verdade hoje e o será sempre. E o que era pecado no tempo de Cristo, foi na Idade Média, é hoje e o será sempre.

Por outro lado, os erros humanos são sempre repetidos, copiados. Já disse alguém que o diabo não tem muita originalidade, repete-se sempre. Que foi a tentação e queda dos nossos primeiros pais senão a repetição do gesto orgulhoso de Lúcifer, recusando-se a servir a Deus? Que foram as heresias do passado e a moderna religião do homem senão a iteração da antiga pretensão humana de se fazer deus? E a moderníssima teologia da libertação que é senão a reedição do saduceísmo dos tempos de Cristo? E os erros ditos progressistas, como o liberalismo, o ecumenismo, que são senão doutrinas errôneas antigas já condenadas pelos Papas e Concílios da Igreja, maquiladas e reapresentadas como ultra-modernas? A própria Missa Nova não é senão uma cópia da liturgia anglicana de Cramer do século XVI, mesclada de outras modificações que datam do tempo da reforma protestante! E a contínua retomada de erros antigos em filosofia, sociologia, economia, etc.?!

Ironicamente perguntava-se Bertrand Russel por que os homens insistem em repetir erros antigos, havendo tantos erros novos a escolher (!).

A solução para os problemas novos que surgem, sejam eles econômicos, morais, sociais ou religiosos, são os ensinamentos eternos de Nosso Senhor.

Aliás, já disse um grande sociólogo: *“Não seriam necessárias muitas leis para a sociedade. Bastam os 10 mandamentos da Lei de Deus: observando-os tudo estaria resolvido”*.

A verdade não muda com os tempos. Não é torcermos o Evangelho de Cristo para adaptá-lo ao homem moderno. É o homem moderno – que no fundo é igual aos seus ancestrais – que deve se adaptar aos ensinamentos eternos de Cristo. Só assim será livre e feliz.

Não nos iludamos: a crise em que se debate o mundo não é sobretudo social ou econômica; é principalmente uma crise moral e religiosa.

Deixemos o pecado! Voltemos para Deus! Vida nova! Feliz Ano Novo para todos, sem a repetição de velhos erros!

Paz e pazes

No início do ano costuma-se dar mensagens de paz. Quando do nascimento do Príncipe da Paz, os anjos de Belém anunciaram “paz na terra aos homens de boa vontade”. E, no dia da sua Ressurreição, a sua saudação aos apóstolos foi “a paz esteja convosco”. A paz é um dom de Deus.

Entretanto, quando se despedia dos Apóstolos na última ceia, Jesus lhes explicou: “*Deixo-vos a paz, dou-vos a minha paz. Não como o mundo dá; eu vo-la dou*” (Jo 14, 27). Isto significa que há duas espécies de paz: a paz de Cristo e a paz do mundo.

A paz do mundo é fria, aparente, é a paz do homem e não a paz de Deus. Consiste apenas na mera coexistência pacífica entre os povos mantida pelo temor uns dos outros e pelo recíproco desengano; ou então na convivência sossegada e respeitosa entre a religião verdadeira e as religiões falsas, na tranqüila cordialidade entre a verdade e o erro, bem ao estilo da maçônica fraternidade universal.

“*Não há paz para os ímpios*”, nos adverte a Sagrada Escritura. Na verdade, entre os males que mais nos afligem está a falta de paz. Falta a paz internacional, faltam a paz política e social, a paz doméstica e econômica.

A causa destes males está justamente na ausência de Deus da sociedade e da vida dos homens. Quando veio ao mundo o Príncipe da Paz, não houve lugar para ele nos lares e nos corações: “*A luz veio ao mundo e os homens amaram mais as trevas do que a luz, porque as suas obras eram más*” (Jo 3, 19). Hoje, o mesmo se repete. Não há lugar para Nosso Senhor nas sociedades, nas leis, nas escolas, nas famílias. Procura-se expulsá-lo até das Igrejas instalando nelas a religião dos direitos humanos com o detrimento dos direitos de Deus. O mundo atual substituiu a honra do Deus verdadeiro pelo culto de outros deuses, pela ânsia imoderada dos

bens terrenos e pela busca desenfreada do prazer. Assim não se tem a paz.

“A paz verdadeira é o fruto da Justiça” (Is. 32, 17). A paz de Cristo, a única verdadeira, não existirá enquanto os homens não seguirem fielmente os ensinamentos e os exemplos de Nosso Senhor na vida pública ou particular. Paz de Cristo no Reino de Cristo.

A paz é “a tranqüilidade da ordem” (Santo Agostinho). A ordem é a condição para a paz. Por isso não há paz no pecado, que é desordem na nossa relação com o Criador. O pecado das nações, o pecado das famílias, o pecado das consciências é que destrói a paz. Só haverá paz das armas quando houver a paz das almas.

E não se constrói a paz batendo-se apenas pelos direitos do homem. A paz virá quando forem respeitados os direitos de Deus. O restabelecimento da paz será concomitante com a restauração do reino de Cristo. Não é pela religião do homem que se faz Deus, mas sim pela religião do Deus, que se fez homem para nos salvar, que reconstruiremos a paz.

Por isso, a paz exige luta. Combate às paixões; ao erro, ao mal. Neste sentido foi que Jesus disse: “*Não vim trazer a paz e sim a espada*” (Mt. 10, 34). Alguns, com uma falsa idéia de paz, pensam que para salvaguardar a união não se deve se indispor com os outros em hipótese alguma. A estes São Paulo responde: “*Se eu procurasse agradar aos homens não seria servo de Cristo*” (Gal. 1, 10).

Que Nossa Senhora, Rainha da Paz, nos alcance de Deus neste ano a paz verdadeira, sinônimo de felicidade.

As duas cidades

Sobre a Idade Média, sem razão muitas vezes odiada, disse Leão XIII que naqueles tempos a filosofia do Evangelho governava os povos. E sobre os nossos tempos disse o Papa João XXIII que é um antidecálogo que governa o mundo.

De fato, as duas filosofias – a do Evangelho e a do mundo – são opostas. E Nosso Senhor disse que é impossível servir a dois senhores, a Ele e ao mundo.

A oposição é realmente flagrante. Nosso Senhor prega a humildade e o mundo procura desmedidamente a fama e os aplausos. Nosso Senhor ensina o espírito de pobreza e o mundo adora o dinheiro e vive de ambição. Nosso Senhor proclama bem-aventurados os puros de coração e o mundo considera felizes os que se embriagam na indecência e na sensualidade. Enfim, basta considerar cada um dos dez mandamentos da Lei de Deus pra ver que é justamente o oposto o que prega o mundo paganizado atual.

E os meios de comunicação, especialmente a televisão, que são o reflexo do pensamento do mundo, expõem exatamente essa doutrina mundana oposta a de Nosso Senhor: destilam a sensualidade, o orgulho, a ambição, a dissolvência da família, o amor livre etc. Não é esse afinal o enredo das novelas?

“Dois amores construíram duas cidades, a saber: o amor próprio, levado até ao desprezo de Deus, fundou a cidade terrena; o amor de Deus, levado até ao desprezo de si mesmo, construiu a cidade celestial. A primeira gloria-se em si mesma e a segunda em Deus. Aquela busca a glória dos homens e esta a glória de Deus. Naquela, seus príncipes e as nações vêm-se sob o jugo da concupiscência do domínio; nesta, servem em mútua caridade, os governantes, aconselhando, e os súditos, obedecendo. Aquela ama sua própria força; esta diz a seu Deus: A vós amarei, Senhor, que sois minha fortaleza. Naquela seus sábios vivem segundo o homem e crendo-se sábios, quer dizer orgulhosos de sua própria sabedoria,

tornaram-se néscios e adoraram e serviram a criatura e não o Criador. Nesta, pelo contrário, não há sabedoria humana mas piedade, que funda o culto legítimo ao verdadeiro Deus, à espera do prêmio na sociedade dos santos, de homens e de anjos, com o fim de que Deus seja tudo em todas as coisas” (Santo Agostinho – A Cidade de Deus, 14, 28).

E, depois de ler este lindo trecho de um dos maiores filósofos e teólogos de todos os tempos, perguntemo-nos: Qual cidade os homens de hoje estão pretendendo construir? Qual cidade até os homens da Igreja hoje, pregando a religião dos direitos humanos, estão se esforçando por edificar? E, o mais importante: à qual das duas cidades pertencemos nós?

Alegrias tristes e tristezas alegres

Infelizmente o mundo não sabe se divertir sem pecar. Suas alegrias são misturadas com a tristeza do pecado. E essa alegria se torna amarga e sem graça. Alegrias tristes.

Diversão, mesclada com indecência, inveja e ambição, não alegra nem tranqüiliza ninguém. O seu saldo é o remorso. E vem dar razão ao que diz a S. Escritura: *“Tudo o que há no mundo, a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida, não provém do Pai mas do mundo”* (I Jo 2, 6).

Quantos no carnaval perdem o senso cristão, a honra, a moral, a vergonha, o bom senso e a paz! Então, para que serve essa alegria?

Por isso, no tempo do carnaval, muitos aproveitam para fazer um santo retiro na tranqüilidade da oração. Preferem a paz do recolhimento ao tumulto e ao pecado.

“O barulho não faz bem e o bem não faz barulho”, afirma São Francisco de Sales. *“Deus não está na perturbação”*, nos ensina a Bíblia Sagrada (I Rs 19, 11).

É certo que muitos vão julgar isso uma estultícia. Pensam ser tristeza o que no fundo é verdadeira alegria. É porque nunca provaram a felicidade e a paz da vida de união com Deus. São Bernardo diz que eles só vêem a cruz mas não vêem a alegria que ela produz.

Por que tantos santos deixaram o mundo e se consagraram a Deus no silêncio do deserto? O que será que atraía um Santo Antão ou um São Paulo Eremita a ponto de fazê-los alegremente passar 90 anos na solidão do deserto? Que tesouro é esse capaz de levar milhares de homens e mulheres de todas as idades e condições sociais a abandonarem as alegrias efêmeras desta vida para se consagrarem ao serviço de Deus na oração e no recolhimento?!

Realmente é um tesouro de valor inestimável. É a ele que se refere Santa Teresinha quando dizia que não trocava cinco minutos de oração e união com Nosso Senhor por mil anos de alegrias mundanas.

Nem todos podem entender isso, como diz São Paulo: “*O homem animal não percebe as coisas de Deus; para ele não passam de loucura e não pode entendê-las*” (1 Cor. 2, 14).

Mas Nosso Senhor compara o Reino dos Céus a uma pérola de grande valor que se procura com afincos e que, sendo encontrada, tudo o mais se despreza para poder adquiri-la (Mat 13, 46).

A Verdade

Quando, no dia da sua Paixão, Jesus disse que veio ao mundo para ensinar a verdade, Pilatos, o juiz, perguntou-lhe: “*o que é a verdade?*”

A ignorância de Pilatos, infelizmente, é algo comum. Quanta gente não sabe o que é a verdade!

A verdade é o reflexo de Deus. Deus é a verdade. Uma coisa é verdadeira quando reflete o plano de Deus e nós estamos na verdade quando nossa razão se conforma com a verdade de Deus.

Deus é um só. Por isso a verdade é uma só, porque é o reflexo de Deus. E a religião verdadeira é uma só. E o que era verdade no tempo de Cristo é verdade hoje e o será sempre. E o que era pecado no tempo de Cristo, é hoje e o será sempre. A verdade não muda porque Deus é imutável. Assim, disse São Paulo: “*Um só Senhor, uma só Fé, um só Batismo, um só Deus...*” (Efésios 4, 5).

Mas, nestes tempos em que o homem procura se substituir a Deus e tornar-se senhor de si mesmo, chega-se até ao absurdo de dizer que Deus é criatura do homem, o homem é que cria o seu Deus. Daí passam a dizer que nós é que fabricamos a verdade. E afirmam, conseqüentemente, que todos estão certos, porque cada qual é senhor das coisas, que cada um tem a sua verdade, que duas afirmações contraditórias podem ser ao mesmo tempo verdadeira, que todas as religiões são boas, apesar de afirmarem coisas contraditórias, que o que antigamente era verdade hoje não é mais, porque tudo evolui etc. etc.

Quantas mentiras a respeito da verdade!

Um lugar, onde não se respeita a verdade objetiva e cada qual quer ter a sua verdade e todos têm que aceitá-la, chama-se hospício, casa de loucos. Lá um diz: “Eu sou Napoleão”, e o outro: “eu sou uma árvore”. E todos querem ter razão!

Prevalecendo esta teoria, nenhum aluno poderá ser reprovado no exame, porque cada qual pode ter a sua verdade. Ele acha que o certo é assim e o professor não poderá dizer que ele está errado: terá que respeitar a “verdade” do aluno.

Santo Tomás de Aquino ensina que nós não somos medida da verdade, mas somos medidos pela verdade. A ela devemos nos curvar, porque a verdade é o reflexo de Deus, pois foi Ele mesmo que disse no Evangelho: “*Eu sou a Verdade*” (São João 14, 6).

O julgamento de Pilatos

Durante a Semana Santa, no trágico drama da Paixão de Cristo, este juiz romano, Governador da Judéia, representante de Tibério Cezar, ocupou lugar saliente e decisivo.

É hora de assentá-lo no banco dos réus. Seria até interessante que os briosos estudantes de direito de nossa faculdade, em um próximo júri simulado, procedessem ao julgamento de Pôncio Pilatos. E, por ele representados, estarão ali sentados muitas autoridades civis, familiares e religiosas, dos séculos passados e da atualidade.

Pilatos realmente tentou livrar Nosso Senhor. Teve boa vontade em reconhecer-lhe publicamente a inocência. Ficou por vezes indignado com o ódio absurdo dos judeus contra Jesus. Usou de expedientes para libertá-lo, como a flagelação, para comover os irados judeus, e a comparação com Barrabás para indultar Cristo.

Certamente a defesa vai explorar a tese da boa vontade.

Mas, na verdade, de boas vontades e de tentativas para a virtude o inferno está cheio.

Pilatos foi o juiz mais iníquo da história universal. Depois de proclamar, alto e bom som, a inocência do réu, condena-o ao bárbaro suplício dos flagelos, para saciar a ira dos acusadores caluniosos, e por fim, por medo de perder o cargo, decreta a sua condenação à terrível morte de cruz.

Entre o dever de absolver o inocente por ele reconhecido e o comodismo de não querer complicações, aliado ao medo de perder a posição, Pilatos fez a segunda opção.

E depois lavou as mãos hipocritamente querendo eximir-se da responsabilidade e descarregá-la sobre os outros. Mas nem todas as águas do Amazonas serão suficientes para lavar a sua covarde prevaricação e sua gravíssima lesão da justiça.

Pilatos é assim o exemplo claro de como se chega ao fundo do abismo, cedendo pouco a pouco.

Quantos pais de família, quantas autoridades civis e religiosas, fiéis imitadores de Pilatos!!! Quantos males temos nós que chorar nas famílias, na sociedade, na Igreja, por falta de pulso dos responsáveis, que sabem o que é mau, mas por medo de complicações, pelo receio de desagradar, pelo temor de perder a posição, acabam sendo coniventes com os erros e os males que nos afligem. E por vezes tentam descarregar em outros a responsabilidade que só a eles cabe. E, de concessão em concessão, se chega ao abismo da desgraça, nas famílias, na sociedade, na Igreja.

Um dia, esses Pilatos também se assentarão no banco dos réus, perante o Juiz Supremo, que será o próprio Jesus, que nos julgará a todos, filhos e pais, súditos e autoridades, leigos e clérigos.

Mundo de Contradições

Não deixa de ser surpreendente a ausência de lógica no mundo de hoje, que faz o contraditório parecer normal e os discursos inconseqüentes se tornarem corriqueiros. E isso em todos os campos do saber e da atividade humanas.

Em política, por exemplo, vemos socialistas e comunistas, ferrenhamente contra a propriedade particular na teoria, adotarem a economia de mercado e favorecerem a iniciativa privada, quando assumem o poder. Ou caíram na realidade ou só usam a lógica do interesse, que os leva à contradição. Aliás já disse alguém que muita gente é comunista até o dia em que herdar alguns alqueires de terra. Então rapidamente mudam de ideologia. Ou como a oposição que muda de visão quando se torna situação.

Aqui, os filo-comunistas pregam como dogma a necessidade de eleições livres, de eleições diretas, do pluripartidarismo etc. Perguntemos a eles se nos países comunistas, que eles tanto veneram, existem eleições diretas, eleições livres e partidos políticos à escolha! Ou essas coisas só servem enquanto eles não estão no poder?!

Protestam veementemente contra qualquer coerção da liberdade, quando é feita em países não comunistas. Perguntemos a eles a quantas anda a liberdade nos países comunistas que eles nos propõem como modelo!!!

Pregam com fervor religioso a paz e o desarmamento. Mas só do Ocidente. Os países comunistas, bem, esses continuam armados até os dentes.

Aliás, a contradição é própria de todos os revolucionários. No dia 14 de Julho de 1789 havia um total de 7 presos na Bastilha, contra a qual protestaram furiosamente os que logo depois multiplicaram os encarceramentos e as execuções sumárias e injustas. Protestavam

contra algumas falhas da administração anterior de Luís XVI e levaram a França ao terror e ao caos econômico e social.

E esse vírus da contradição atingiu também a Igreja Nova!

Modificaram, aboliram, sacrificaram, mudaram a orientação espiritual, a liturgia, a vida cristã, para agradar aos protestantes. Ou para atraí-los, diziam. E eis que os católicos se protestantizaram, todas as seitas protestantes cresceram e surgiram outras novas. Só na América Latina, segundo estatísticas oficiais, 60 milhões de católicos passaram para as seitas, depois do Concílio Vaticano II.

Em nome do ecumenismo prega-se a compreensão e a união com muçulmanos, budistas, calvinistas, ateus, cismáticos (que não são mais considerados tais) etc., e hostilizam, excomungam e perseguem os filhos mais fiéis às tradições da Santa Igreja. Abriram as portas da Igreja aos que estão fora e tentam pôr fora os filhos mais fervorosos.

Na verdade, a lógica dos mais é incompreensível para os que raciocinam corretamente. Ou então é o mistério de iniquidade do coração humano longe de Deus.

O Direito da Blasfêmia

Se um professor de determinada escola for de opinião de que ingerir ácido sulfúrico faz bem à saúde e começar a ensinar tal disparate aos alunos, evidentemente o diretor do estabelecimento de ensino lhe proibirá a propagação de tais idéias perigosas e danosas à saúde das pessoas que resolverem pô-las em prática. E se o tal professor persistir em propagar o seu erro, dizendo ter este direito, terá certamente cassada a sua licença de ensinar, tornando-se até passível de processo criminal. E ninguém de mente sadia acusará o diretor de intransigência! Em vão tentará se defender o tal professor dizendo-se amparado pela Constituição.

Por que?! Porque o erro não tem direito à existência, nem à propaganda, nem à ação. (Papa Pio XII). O erro e o mal não têm direitos. Só o bem e a verdade os têm.

Se tal professor desejar manter as suas idéias, inclusive colocando-as em prática consigo mesmo, embora ele não tenha esse direito, não haveria como coibi-lo. Mas isso é tolerância, que às vezes pode ser necessária, e não reconhecimento de direitos. Ensinar, porém, aos outros, propagar publicamente tais idéias nocivas, ele não só não tem direito como a sociedade tem o direito de impedi-lo.

Se isso é verdade quanto às idéias que prejudiquem a saúde do corpo, também o é quando se trata de idéias nocivas às almas, às consciências, ao respeito e à moral.

Quem defende a irrestrita liberdade de expressão está defendendo que se possa xingar publicamente a própria mãe.

Não! Não existe este direito do mal.

Se alguém quisesse exhibir um filme sobre um falso e imaginário romance adúltero de minha mãe, eu teria o direito de impedi-lo.

É por isso que o filme imoral e blasfemo contra a honra de Nosso Senhor “A Última Tentação de Cristo” não tem o direito de ser exibido, e, se quiser fazê-lo, nós temos o direito de impedi-lo.

E é para isso que convocamos a todos, em nome do bom senso, do respeito, da moral e da verdade.

Ninguém tem o direito de xingar o meu pai. E se xingar poderá sofrer as conseqüências do seu ato.

Se alguém pretende destruir uma área verde de nossa cidade ou poluí-la com esgoto e lixo, o Centro NF de Conservação da Natureza irá logo protestar e tentar impedir este crime ecológico, e com razão. O mesmo se dará quando se pretender publicamente exibir uma blasfêmia e imoralidade contra Nosso Senhor Jesus Cristo, o que vem a ser um crime muito mais grave do que cortar árvores ou matar preguiças.

A poluição moral é mais nociva do que a poluição ambiental e os crimes morais são mais graves do que os crimes ecológicos.

Vitória do Bom Senso

Segundo noticiou a Folha da Manhã de 25/03/89, o Cine Veneza acaba de anunciar que não exhibirá o filme blasfemo “A última tentação de Cristo”. Louvado seja Deus! Deu a lógica, venceu o bom senso! A direção do cinema raciocinou com retidão e compreendeu os argumentos contra a exibição, tratando-se de um filme falso na parte histórica, blasfemo, ofensivo a Nosso Senhor e injurioso à fé de milhares de cristãos de nossa cidade. Nossos parabéns ao Sr. Jorge Mothé e nossos agradecimentos a todos os que nos apoiaram nesta campanha de esclarecimento e neste combate em prol do bem e da moral.

Muitos nos atacaram nessa ocasião, entre eles o Exmo. Bispo Dom Navarro. Disseram que bastasse aos católicos não assistirem ao filme porque a campanha que estávamos fazendo iria atrair atenção para o mesmo. Posição cômoda esta, mas não certamente a posição que tomariam os heróis da fé que veneramos, os santos, modelos de combate ao erro e ao mal. Será que os que defendem tal posição agiriam assim se se tratasse de ofensa pública às suas mães?! A não ser que não fossem bons filhos, como devemos ser, de nossas mães e de Nosso Senhor.

Outros defendem o direito da blasfêmia, que, em artigo anterior, já demonstramos não existir. O mal e o erro não têm direito à publicidade e à propaganda: só o bem e a verdade o possuem. E não adianta citar para tanto a nossa frágil Constituição. Os homens não têm poder de ab-rogar a lei de Deus ou o bom senso! É interessante e hilariante notar que estes que altivamente recusam sua fé em Deus infalível, prestam seu humilde obséquio intelectual às leis e princípios inventados por homens tão falíveis.

Ademais acham alguns que a analogia que fiz entre o mal físico e o mal moral não é convincente, porque as coisas físicas são facilmente demonstráveis mas não as especulativas e metafísicas. É de espantar a ausência de filosofia em quem defende tal posição! As

provas científicas, por exemplo, da existência de Deus, pela simples luz natural da razão, são muito mais concludentes e demonstrativas do que a prova de que o ácido sulfúrico queima a pele. Tenho certeza moral, física e metafísica da Existência de Deus, mais do que tenho a certeza física da ação do ácido sulfúrico. E, outrossim, a certeza da Revelação, da mensagem cristã, da divindade de Cristo e da Igreja Católica, está baseada em fatos históricos comprovados, conhecidos e documentados como todos os outros fatos históricos, e autenticados sobrenaturalmente por sinais divinos incontestes, tornando-se assim, para a reta razão, uma real certeza científica, de bases objetivas e não apenas subjetivas.

Mas o ato de fé é livre. Necessita portanto do imperativo da vontade que, para tanto, deve estar isenta de preconceitos e paixões que obnubilam o intelecto. Por isso, não usamos argumento de grito ou de imposição. Queremos sim a convicta adesão ao bem e à verdade, e procuramos convencer a quem de direito a pôr obstáculos à pública divulgação do erro e do mal.

E pessoas assim ainda existem, graças a Deus. Por isso, o filme não vai passar!

Filosofando: Paz e Guerra

Bombardeados pelas notícias da guerra nos Bálcãs e no Oriente Médio, de brigas na política (CPIs), guerrilhas urbanas, desentendimentos nas Polícias, nas famílias etc., somos levados a uma reflexão filosófica e teológica sobre a guerra e a paz.

A primeira guerra de que se tem notícia aconteceu entre os dois primeiros irmãos Caim e Abel por inveja e orgulho daquele. Assim, paradoxalmente, a primeira fraternidade gerou tragicamente o primeiro fratricídio: a primeira briga familiar, primeira guerra civil e mundial.

A paz, na definição de Santo Agostinho, é a tranqüilidade da ordem. Havendo ordem, que, por sua vez, gera tranqüilidade, haverá a paz.

E isso se verifica em todos os campos. O trinômio “ordem – tranqüilidade – paz” é constante: espírito, família, escola, sociedade, países.

Se a sua consciência está bem com Deus, se a sua razão impera sobre os seus sentidos e paixões, sua alma está em ordem e tranqüila, você está em paz. E a paz do espírito é a verdadeira felicidade.

Se a hierarquia de valores é respeitada, haverá tranqüilidade e paz nas famílias, nas escolas, nas corporações, na sociedade e nos Estados. E lembremo-nos que, na escala de valores, o mais alto é o valor moral, e, na hierarquia das autoridades, a mais alta a ser respeitada é Deus. Por isso a observância dos mandamentos de Deus é a fórmula da paz.

O contrário da hierarquia é a anarquia, que gera a desordem, o caos.

Assim, o trinômio oposto “desordem – perturbação – guerra” é também uma triste realidade constante.

Jesus Cristo é denominado o Príncipe da Paz. O canto dos anjos no seu nascimento foi “*paz na terra aos homens de boa vontade*”. A sua saudação de Páscoa foi “*a paz esteja convosco*”.

É claro, Jesus ensinou as virtudes cristãs, a humildade, a caridade, o perdão, a fortaleza, a paciência, a prudência, a justiça etc., que produzem a ordem e, em conseqüência, a paz: na alma, nas famílias, na sociedade, no mundo.

O mundo, quando se torna anticristão e abandona as virtudes cristãs, perde a paz: é perturbação nos espíritos, briga nas famílias, rixas na sociedade, guerra entre os países.

Há briga no trânsito, nas ruas, nas filas do banco, no prédio, em casa, porque não existe humildade. Não se admite mais ser chamado à ordem, à atenção. Ninguém admite ser corrigido. Ninguém aceita a menor restrição à sua liberdade ou ao seu “eu”. É o domínio do egoísmo, da ganância, do orgulho, da vaidade, da inveja, da ira, enfim, das paixões opostas às virtudes cristãs. É a guerra!

O melhor e principal desarmamento será a vitória das virtudes sobre as paixões.

Quanto mais o mundo, as famílias, nós mesmos nos tornamos mais cristãos, mais ficaremos em paz.

In hoc signo vinces

“*Com este sinal vencerás*”. Esta é a célebre frase que mudou o curso da história.

Ano 312. Após três séculos de perseguição ao nome cristão e ao seu sinal, a cruz, eis que esta aparece radiante no céu ao imperador Constantino Magno, na véspera de uma grande batalha pela posse de Roma, com a inscrição: “*Neste sinal vencerás*”. Anunciado então sua fé no “Deus dos cristãos” que morreu crucificado, Constantino mandou afixar a cruz nos estandartes romanos e, conseguida a estupenda vitória prometida, deu liberdade ao cristianismo e tornou-se religião oficial do império.

A cruz, como instrumento de suplício, era para os povos antigos um sinal de desonra e ignomínia, tortura bárbara usada para os escravos.

Mas depois que Jesus, o Filho de Deus feito homem, nela quis morrer pela nossa salvação, oferecendo um sacrifício expiatório em nome de toda a humanidade pecadora e satisfazendo assim plenamente a justiça divina, a cruz tornou-se símbolo de honra, dignidade, redenção e salvação.

Assim, vemos a cruz nas coroas dos reis, nas armas e símbolos mais nobres, na cúpula das igrejas e catedrais, nas montanhas a protegerem as cidades, nos tribunais para lembrar a justiça, nas escolas, nas casas de família, no peito dos fiéis e na sepultura de todos os cristãos.

“*Com este sinal vencerás!*”. O sinal da cruz é o sinal do cristão. Não só a cruz que fazemos na testa como profissão de nossa fé, mas também a cruz da nossa vida. A cruz do cumprimento do dever, a cruz da luta contra as tentações, a cruz dos sofrimentos, das doenças, das separações e da perseguição.

Quando São Luiz Monfort encontrava um pobre sofredor, ele se descobria, e explicada: é porque está sob a cruz: merece respeito!

E a cruz só é pesada para aquele que a arrasta aborrecido. Para quem a leva com amor ela se torna leve e fonte de alegria.

A cruz encerra três lições de valor infinito: o incalculável rigor da justiça divina, o terrível peso do pecado humano e a incompreensível imensidão da misericórdia e do amor de Deus para conosco.

Por isso, a Cruz é o livro em que estudaram os santos, é a fonte de lágrimas para os pecadores, é o consolo dos doentes e dos aflitos, é a contínua lembrança da presença de Deus em nosso lar.

Levemos com alegria e amor a nossa cruz de cada dia: com este sinal venceremos!

O Cristão e a Doença

No modo de pensar cristão, definitivamente a saúde corporal não é o supremo bem. Há bens que lhe são muito superiores e entre eles estão as virtudes e, principalmente, a nossa salvação eterna.

É por isso que exaltamos os heróis que puseram em risco a sua saúde, seu bem-estar corporal e até a própria vida em defesa da pátria.

São também mui dignos de todo o nosso louvor os profissionais da área de saúde que põem em risco a si mesmos para aliviar o sofrimento alheio. A caridade e o cumprimento do dever estão acima do interesse corporal.

É assim, com maioria de razão, que a Igreja honra como santos e modelos para a humanidade os mártires que colocaram sua fé e seu amor a Deus acima do seu bem-estar terreno e da própria vida.

Outrossim, considerada sob o prisma da eternidade, a doença corporal pode ser até benéfica para nós. Quantas pessoas deixaram o pecado por causa da doença! Quanta gente aprendeu a ser mais compreensiva, quando ficou doente! Quantos se salvaram eternamente porque ficaram enfermos e do contrário se teriam condenado para sempre!

Deste modo é que o cristão deve encarar a doença: um dom de Deus. Dizia um grande médico italiano, Dr. José Moscatti, santo: *“os doentes são a figura de Jesus Cristo. Muitos comprovadamente delinqüentes, blasfemos, chegam inesperadamente ao hospital por disposição última da misericórdia de Deus, que os quer salvos. Nos hospitais, a missão das irmãs, dos médicos, dos enfermeiros consiste em colaborar com esta infinita misericórdia, ajudando, perdoando, sacrificando-se... Bem-aventurados nós, médicos, tantas vezes incapazes de remover uma enfermidade, felizes de nós, se levarmos em conta que além de corpos estamos em face de almas*

imortais, para as quais urge o preceito evangélico de amá-las como a nós mesmos”.

Certa vez um oficial do rei procurou Nosso Senhor pedindo-lhe que curasse o seu filho. E Jesus repreendeu aquele homem. E o motivo da censura era porque ele só o procurava por isso. Fé por interesse. Fé mesquinha. Fé comercial. E quantos cristãos tem este tipo de fé!

Por que Igrejas protestantes recém-inventadas estão repletas de pessoas, inclusive oriundas da Igreja Católica? Porque em tais Igrejas, prometem saúde, bênçãos que curam doenças etc. E, deste modo, por interesse da saúde, que colocam acima de tudo, muitos se extraviam e passam para a heresia.

A morte, mestra da vida

A vida ensina muita coisa. E a morte mais ainda.

O mês de Novembro é dedicado aos mortos, não só para que nós rezemos por aqueles que nos precederam com o sinal da fé e dormem o sono da paz – porque diz a Bíblia Sagrada que *“é santo e salutar pensamento rezar pelos mortos, a fim de que sejam livres dos seus pecados”* (2 Mac. 12, 46) – mas também para que nós meditemos na morte e dela tiremos lições para a nossa vida.

“Que adianta ao homem ganhar o mundo todo se vier a perder a sua alma?!” nos pergunta Nosso Senhor (Mt. 16, 26).

A morte pode ser feliz ou infeliz, boa ou má: se morreremos na amizade ou na inimizade de Deus. Depende de nós. Conforme for a nossa vida, assim vai ser a nossa morte.

“O tempo é breve. A figura deste mundo passa”, nos lembra São Paulo (1 Cor. 7, 29 e 31). Por isso nos adverte Nosso Senhor: *“Fazei para vós bolsas que não envelhecem, um tesouro inexaurível no Céu, onde não chega o ladrão, nem a traça corrói. Porque onde está o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração”* (Lc. 12, 33-34).

Assim, a morte nos lembra como os bens da terra são caducos e como passageiras são as riquezas e os prazeres. Loucos são os que põem neles o seu coração e sua felicidade.

“Bem-aventurados os mortos que morrem no Senhor” (Apoc 14, 13). Se morreremos bem, estará tudo salvo; se morreremos mal, tudo perdido. De nada nos adiantarão todas as nossas riquezas. Qual a diferença entre morrer com cem milhões ou com cem reais?! A grade diferença sim é entre morrer na graça de Deus ou morrer em estado de pecado.

Vivamos, pois, do mesmo modo como gostaríamos de morrer. Não deixemos para amanhã. “*Estai preparados porque não sabeis o dia nem a hora*” nos diz Nosso Senhor.

É assim que a morte traz lições para a vida. A Igreja tem muitos santos que se converteram de uma vida errada refletindo sobre a morte.

Rezemos pelos nossos mortos. E peçamos a Deus para nós a graça de uma vida reta e de uma boa morte, na amizade e graça de Deus.

Tradição: conceitos claros

A idéia exata de tradição é tão necessária que sem ela não se entende o catolicismo, visto que a tradição lhe é essencial.

Muitos confundem tradição com apego a um passado desaparecido. Muitos hereges diziam-se justificados pelo passado. Mesmo entre os progressistas atuais já uma idéia de volta ao passado, como se isso por si só fosse católico. E foi baseado neste falso conceito que se propugnou a volta à comunhão na mão, a abolição do hábito eclesiástico, a adoção de muitas fórmulas ritos da antigüidade cristã, por ser passado e antigo. Este erro foi condenado pelo Papa Pio XII que o classificou de “*reprovável arqueologismo*” (Encíclica *Mediator Dei*).

Outros, também erradamente, desejam o progresso puro e simples, por ser progresso. É o amor das novidades, que o Papa São Pio X dá como característica das heresias.

Este último erro com relação à tradição é mais freqüente hoje. Tem-se por tradição o ensinamento novo e atual pura e simplesmente. É o que falsamente chamam de tradição viva. Mesmo quando contraria a tradição perene da Igreja.

E foi em nome deste erro que foram “excomungados” os dois Bispos tradicionais Dom Antônio e Dom Lefebvre. Conforme os documentos de excomunhão e as declarações posteriores dos Cardeais da Cúria Romana, a excomunhão foi dada por causa do cisma, mas o cisma não foi por causa das sagrações episcopais, que de si não constituem um ato cismático, mas sim pelo conceito que têm da tradição, por não compreenderem a tradição atual e viva.

Ora, o conceito que Dom Antônio e Dom Lefebvre têm de tradição – basta ler os seus escritos – é exatamente o mesmo conceito que tinham Pio XII, São Pio X e toda a Igreja Católica! Daí que o que foi anatematizado pela Igreja nova não foram os dois bispos, mas sim o ensinamento perene, a tradição católica.

Tradição, pois, não é o apego ao passado nem o afã das novidades. É a soma do passado com o presente que lhe é afim.

“É, como disse Pio XII, um dom que passa de geração em geração: é a tocha que o corredor a cada revezamento confia às mãos do outro, sem que a corrida pare ou arrefeça sua velocidade. Tradição e progresso reciprocamente se completam com tanta harmonia que, assim como a tradição sem o progresso se contrariaria a si mesma, assim também o progresso sem a tradição seria um empreendimento temerário, um salto no escuro” (Disc. 19/01/44).

E esta tradição perene, contínua, única, é a norma segura de ortodoxia na Igreja. Os ensinamentos atuais devem ser aferidos com ela. E é em nome desta tradição perene que são rejeitados muitos erros, mesmo que patrocinados pelas autoridades atuais.

Lembremo-nos que o Papa Honório I foi excomungado pelo Concílio Ecumênico IV de Constantinopla e pelo Papa São Leão II justamente por este motivo: porque o seu ensinamento (atual) não se coadunava com o ensinamento tradicional da Igreja: *“Anatematizamos Honório (Papa) que não ilustrou esta Igreja apostólica com a doutrina da tradição apostólica, mas permitiu, por uma traição sacrílega, que fosse maculada a fé imaculada”* (Denz.-Sch. 563).

Verdade X Autoridade

Nosso Senhor fundou uma Igreja hierárquica, com Papa e Bispos a quem se deve obedecer. Esses hierarcas não são donos ou proprietários da Igreja. São administradores; e o que deles a Igreja exige é que sejam fiéis transmissores (Concílio Vaticano I – Denz. 3070). Seu poder é grande, mas não absoluto ou sem limites. E o fiel pode muito bem usar do direito – e da obrigação – de comparação entre o que se lhe ensina hoje e o que foi sempre ensinado; conforme proclama o Apóstolo São Paulo: “*Mas, ainda que nós mesmos ou um anjo do céu vos anuncie um Evangelho diferente daquele que vos tenho anunciado, seja anátema*” (Gal. 1, 8). A Igreja quando manda obedecer não o faz incondicionalmente, mas dá ao fiel o direito de analisar, comparar e resistir, se for preciso, como o disse e fez São Paulo com relação a São Pedro, primeiro Papa (Cfr. Gal. 2, 11-14 e Suma Teológica II-II, q. 33, a. IV).

Quando os tempos são normais e as autoridades nos transmitem a verdadeira doutrina tradicional, não há porque não obedecer, como o fizeram os santos de tais épocas. Mas se não, eles sabiam resistir e arrostar todas as pressões, arbitrariedades e abusos de poder.

O célebre hagiógrafo católico Dom Guéranger assim resume esta posição, comentando a resistência oposta pelos fiéis às autoridades que patrocinaram o erro, no tempo da heresia do Bispo Nestório: “*Quando o pastor se transforma em lobo, é ao rebanho que, em primeiro lugar, cabe defender-se. Normalmente, sem dúvida, a doutrina desce dos Bispos para o povo fiel, e os súditos, no domínio da Fé, não devem julgar seus chefes. Mas há, no tesouro da revelação, pontos essenciais, que todo cristão, em vista de seu próprio título de cristão, necessariamente conhece e obrigatoriamente há de defender. O princípio não muda, quer se trate de crença ou procedimento, de moral ou de dogma. (...) Os verdadeiros fiéis são os homens que extraem de seu Batismo, em*

tais circunstâncias, a inspiração de uma linha de conduta; não os pusilânimes que, sob pretexto especioso de submissão aos poderes estabelecidos, esperam, para afugentar o inimigo, ou para se opor a suas empresas, um programa, que não é necessário, que não lhes deve ser dado” (L’Année Liturgique, p. 340 ss).

Evidentemente, viver em tempos de crise, como os que nós vivemos, é muito penoso e exige-se então, de cada um, verdadeiro heroísmo. É muito fácil defender causas já vitoriosas. O difícil é trabalhar arduamente pela vitória de uma causa justa. É muito fácil ser o corajoso adepto de uma verdade já vencedora. O difícil é aderir à vontade quando ela está perseguida e humilhada. É mais cômodo juntar-se às fileiras do exército vencedor. É mais agradável seguir a maioria, estar bem com quem está no poder. Mas é tremendamente incômodo lutar pela verdade quando até as autoridades patrocinam a causa contrária e favorecem o erro.

Hoje, quando a história já deu ganho de causa a Jesus Cristo, contra Anás e Caifás, não há quem julgue que, se vivesse naquele tempo, teria sido um fiel discípulo do Salvador e jamais teria tomado o partido de Caifás. Mas, teriam esses mesmos coragem de enfrentar as autoridades oficiais da religião verdadeira de então? Caifás era o Sumo Pontífice, cercado de outros representantes oficiais do poder de Deus. E nós vemos pelo Evangelho a "pressão" que essas autoridades faziam sobre os que queriam seguir a Jesus. São João no seu Evangelho (9, 22) narra aquela passagem dos pais do cego curado por Cristo negando-se a confessar o milagre porque os judeus tinham decidido expulsar quem aderisse a Jesus. É difícil ficar com a verdade até contra a autoridade. Por isso Jesus ficou com bem poucos amigos, porque a maioria não suportou a pressão e o peso da autoridade religiosa e preferiu ficar do lado do Sumo Pontífice Caifás e condenar a Jesus como impostor, ladrão e agitador do povo.

Hoje, séculos depois, quando vemos na História da Igreja (Cfr. Denz.-Sch. 561 e 563) que o Papa Honório I favoreceu a heresia e por isso foi condenado pelo seu sucessor Papa São Leão II e pelo VI Concílio Ecumênico por estar em desacordo com a tradição da

Igreja, fica fácil dizer que nós, naquele tempo, também estaríamos do lado de São Máximo e São Sofrônio, que resistiram ao Papa e foram canonizados, isto é, colocados pela Igreja como modelo de fidelidade para todos os cristãos. Mas se defendêssemos o "dogma" da obediência incondicional ao Papa, como muitos hoje o fazem, estaríamos sim do lado dos hereges.

Assim também no confronto entre o Papa Libério e Santo Atanásio, este, defensor da ortodoxia e por isso expulso de sua igreja, e aquele, o Papa, que assinou uma fórmula ambígua e heretizante, ao sabor dos hereges e excomungou Atanásio porque este se recusava acompanhá-lo na sua defecção. O Papa Libério então, em nome da paz e da concórdia, declarou-se em união com todos os Bispos, inclusive os semi-arianos, menos com Atanásio, ao qual proclamou alheio à sua comunhão e à comunhão da Igreja Romana (Cfr. Denz.-Sch. 138). Santo Atanásio, por defender a sã doutrina, foi condenado como perturbador da comunhão eclesial! Hoje, depois que a Igreja canonizou Santo Atanásio como ínclito defensor da Fé e da Tradição, fica fácil dizer que estavam certos aqueles poucos que ficaram ao lado do Santo e foram expulsos das igrejas oficiais, sendo obrigados a se reunirem nos desertos debaixo de sol e chuva, mas conservando a fé intacta e respondendo aos hereges: vocês têm os templos, nós temos a Fé! (Cfr. São Basílio, ep. 242, apud Cardeal Newman - Arians of the Fourth Century, apêndice V). Mas, como ficariam, se vivessem naquele tempo, aqueles que põem na obediência o seu universo mental? Evidentemente do lado mais fácil e cômodo da autoridade, e da heresia por ela favorecida.

Hoje, a história da Revolução Francesa nos ensina quão covardes foram aqueles padres e bispos que, para conservarem as suas igrejas e seus cargos, aceitaram um compromisso com os dominantes e fizeram o juramento revolucionário, e quão heróicos foram aqueles sacerdotes que a isso se recusaram e foram expulsos, tendo que atender ao povo fiel nos paióis, escondidos e perseguidos.

De nossa parte, temos a plena convicção de que o melhor serviço que podemos prestar à Igreja, ao Papa, ao Bispo e ao povo cristão é

defendermos a tradição, a doutrina que a Igreja sempre ensinou, mesmo à custa de sermos perseguidos, injuriados e até expulsos das igrejas. Podem nos tirar os templos, mas jamais a nossa Fé! Assim o dizemos, confiados unicamente na Graça de Deus.

A história nos dará razão! E, mais do que o tribunal da história, o tribunal de Deus, para o qual apelamos! Que Nossa Senhora nos dê coragem e perseverança.

Demolições

Seria tão bom se só pudéssemos falar de amor e de construção! Mas o amor supõe o combate. Quem ama a saúde tem que combater a doença. Quem ama o bem tem que odiar o mal. Senão o seu amor não é perfeito. É por isso que a medicina, cujo fim é a saúde, fala tanto em doenças. Para combatê-las, é óbvio.

Assim, falar contra a demolição é promover a construção. Combater os destruidores é construir. É só assim que o amor constrói. Porque o amor mal entendido pode até destruir.

Paulo VI, com a célebre expressão “autodemolição da Igreja”, quis estigmatizar a destruição espiritual da Igreja empreendida por seus próprios membros. São as traições à Fé, aos dogmas, à moral da Igreja de sempre, muitas vezes com a conivência, senão com o patrocínio, até das autoridades eclesiásticas.

Mas a demolição não ficou só no campo espiritual. A perda da fé, as “tempestades” e “incertezas” pós Vaticano II deixaram também no campo material um saldo nada animador.

“Em Amsterdã, Holanda, 18 igrejas serão fechadas e demolidas por falta de fiéis. O mesmo destino caberá a 42 das paróquias católicas de Detroit, EEUU. Na França são 150 os templos em perigo; 2300 das 40 mil igrejas paroquiais do país não servem mais para o culto e 150 deverão ser desconsagradas. O destino mais provável dessas igrejas será o abandono, a ruína, a demolição ou, em alguns casos, uma ‘rentável’ reutilização. Pequenas capelas românticas já foram transformadas em restaurantes, oficinas, lojas e até em academias de ginástica... Não se sabe o que acontecerá com as outras 20 mil igrejas” (Revista 30 Giorni – 12/1988).

E a longa reportagem da revista continua, atribuindo essas calamidades à crescente falta de padres e de fiéis. Seria esta a primavera florida anunciada pelos defensores do Vaticano II?!

Que triste realidade: a demolição da fé e da moral reflete-se na demolição material dos sinais exteriores das nossas tradições.

Já dizia o Pe. Antônio Vieira: “*Ou o sal não salga ou é a terra que não se deixa salgar*”. Ou será que o sal se tornou veneno?! E a terra ficou descrente do sal que não salga mais...

Protestamos contra os demolidores espirituais e materiais. Por amor da nossa fé e da Santa Igreja, e pela reconstrução dos valores perenes da tradição.

Resistência construtiva

Santo Tomás de Aquino, o maior teólogo da Igreja, comentando o episódio em que São Paulo resistiu a São Pedro, primeiro Papa, repreendendo-o publicamente, assim escreve: *“Havendo perigo próximo para a fé, os prelados devem ser argüidos, até mesmo publicamente, pelos súditos. Assim, São Paulo, que era súdito de São Pedro, argüiu-o publicamente, em razão de um perigo iminente de escândalo em matéria de Fé. E, como diz a glosa de Santo Agostinho, o próprio São Pedro deu o exemplo aos que governam, a fim de que estes, afastando-se alguma vez do bom caminho, não recusassem como indigna uma correção ainda mesmo de seus súditos”*.

“A repreensão foi justa e útil, e o seu motivo não foi leve: tratava-se de um perigo para a preservação da verdade evangélica. O modo como se deu a repreensão foi conveniente, pois foi público e manifesto. Por isso, São Paulo escreve: ‘Falei a Cefas (isto é, a Pedro) diante de todos’, pois a simulação praticada por São Pedro acarretava perigo para todos”.

“Aos prelados foi dado o exemplo de humildade, pra que não recusem a aceitar repreensões da parte de seus súditos e inferiores; e aos súditos foi dado exemplo de zelo e liberdade para que não receiem corrigir seus prelados, sobretudo quando o crime for público e redundar em perigo para muitos” (Suma Theol. II-II, 33, 4, 2 e ad. Gal. 2, 11-14, lect. III).

Ora, hoje estamos diante da “autodemolição da Igreja”, ou seja, a demolição da Igreja cometida pelos seus próprios membros, segundo expressão de Paulo VI. E o próprio Paulo VI chorava a confusão reinante na Igreja em conseqüência do Concílio Vaticano II: *“Acreditávamos que o Concílio traria dias ensolarados para a história da Igreja. Ao contrário, são dias repletos de nuvens, de tempestades, de nevoeiros, de procura, de incerteza”* (aloc. de

29/06/1972). Descrição bem realista de uma situação nada normal da Santa Igreja.

E, diante dessa autodemolição avassaladora, só uma coisa compete ao católico que realmente ama a Santa Igreja e a sua Fé: RESISTIR. E resistir à demolição é altamente construtivo e positivo, seja ela patrocinada por quem quer que seja.

É ainda Paulo VI que reconhece isso. Na audiência pública de 12 de setembro de 1973 dizia: *“Há duas espécies de críticas: denominamos positiva a primeira, a que é formada por aqueles críticos que se orientam para a verdade e, no que se refere à Igreja, para a introspecção de sua verdadeira natureza... Trata-se de uma crítica que não esconde nada, mas que nos torna tanto mais apaixonados pela Igreja de Cristo quanto mais ela nos revela os defeitos, as incoerências, as quedas, os sofrimentos e as necessidades do seu vulto humano. Todos nós, que nos consideramos fiéis, filhos e membros solidários da Igreja, gostaríamos de pertencer aos críticos desta espécie... Por si, a contestação deveria tender a corrigir defeitos que merecem repreensão e, por isso, a promover uma conversão, uma reforma. De nossa parte, não queremos exorcizar a contestação positiva...”*

Conclui-se que o melhor modo de colaborar com a Santa Igreja e com o Papa, mostrando-lhes verdadeiro amor, é resistir à autodemolição atual mantendo-nos fiéis à Tradição. É um alto serviço de construção, embora às vezes não reconhecido.

Respondendo objeções

A legítima defesa é um dos mais elementares direitos humanos. Esperamos que ao menos este não nos seja negado. A respeito da posição dos sacerdotes fiéis à Tradição, da Diocese de Campos, têm-se levantado algumas objeções que, em alguns, assumem o caráter de verdadeiros ataques e injúrias e, em outros, são dúvidas devido à falta de melhores informações. Em atenção a esses últimos, que têm bom senso e boa vontade, passamos a esclarecer alguns pontos:

Dizem: *“Só 1% do povo, ou menos ainda, é que segue os tradicionalistas”*.

Não sabemos por quê os progressistas se preocupam tanto com contagem de número e falam tanto que a maioria está com eles e que nós não somos senão 1% ou frações de décimo ou centésimo de 1% (!). Com efeito, isso nunca foi critério de verdade, em nenhum campo. Nosso Senhor nunca se preocupou com número de seguidores. Quando o Divino Mestre anunciou a SSma. Eucaristia em Cafarnaum, muitos seguidores se afastaram, e Nosso senhor, ao invés de tentar modificar a doutrina ou procurar segurá-los, voltou-se para os Apóstolos e lhes disse: *“Vós também quereis ir?”* (Jo VI, 68).

Mas, falando de número, de maioria, é bom lembrar que foi a maioria do povo, das autoridades civis e religiosa que condenou Jesus à morte!

No tempo da instalação do protestantismo, a maioria do povo aderiu à nova heresia na Alemanha. O mesmo se diga do tempo do Arianismo, quando a maioria dos sacerdotes e bispos (São Jerônimo chega a afirmar “o mundo todo”) se bandeou para o erro de Ario, E NEM POR ISSO O ERRO PASSOU A SER VERDADE!

Não obstante, apesar de todo o barulho que fazem os progressistas, há muitas e muitas pessoas de bem e de bom senso

que aderem perfeitamente à Tradição da Igreja, rejeitam sinceramente toda desordem e novidade progressista e dão seu apoio e adesão aos padres tradicionais. Os abaixo-assinados de solidariedade aos padres fiéis à tradição somam mais de quarenta mil assinaturas em nossa Diocese. Assim, aqueles que dizem que estes são apenas 1%, para que suas palavras tenham algum crédito, deveriam apresentar um abaixo-assinado de quatro milhões de assinaturas, da Diocese, de pessoas favoráveis à dessacralização e desordem progressista na Igreja. Para conseguirem isso, só se as formigas também assinarem, pois não há tal número de pessoas na Diocese. Esperemos!

Ademais, a honestidade manda não se fazer chantagem com números nem manipulação de multidões. Assim, dizer: na Missa de Dom Antônio havia 3500 pessoas, na procissão de Dom Navarro havia 7000: logo o progressismo tem o dobro de adesões! Não é um raciocínio honesto! Na verdade, os milhares que estavam presentes na Missa de Dom Antônio (lembremo-nos que foi um dia de semana), quase todos, ali estavam por convicção e adesão à Tradição. O mesmo não se pode dizer da multidão que foi à procissão de Corpus Christi, isto é, que lá foram “POR CAUSA” do progressismo. Alguns foram por isto, mas a imensa maioria foi simplesmente por causa da procissão em si mesma ou então para ver os tapetes, sem com isso quererem significar sua adesão ao progressismo. Aliás as procissões tanto de Corpus Christi como a do SSmo. Salvador, em Campos, sempre foram bem concorridas, ainda no tempo de Dom Antônio, e ninguém, de bom senso, pode inferir dessa presença do povo a adesão a essa ou aquela orientação religiosa.

Será que ao invés do recurso ao estudo da Teologia e da História da Igreja, da comparação com a Tradição multissecular, com a oração e sacrifícios, o problema religioso de Campos deverá ser resolvido, como parecem pretender alguns, pelo instituto Gallup ou pelo Ibope ou por algum plebiscito ou pesquisa de opinião pública? Era só o que faltava! Então é bom contratarmos o “homem que calculava” de Malba Tahan!

Será que no tempo da Paixão de Jesus, alguém pensou em fazer tais cálculos mesquinhos? Por exemplo: Quantos por cento dos discípulos de Jesus estavam presentes ao pé da Cruz no Calvário, sabendo-se que somente São João lá estava e que os outros todos, Apóstolos e discípulos, tinham fugido? No tempo do arianismo, sabendo-se que só Santo Atanásio ficou fiel e a maioria dos bispos e padres apostatou, qual a porcentagem de fidelidade? Será zero vírgula quanto?! Com quem estava a verdade: com esses zero vírgula tanto ou com a grande maioria herética?

Será que nos tempos das heresias algum santo pensaria em contratar o Gallup ou o Ibope como critério de verdade, ao invés de consultar a doutrina tradicional da Igreja?

Por favor, não reduzamos uma questão tão séria e grave a brincadeiras de números!

Caso Lefebvre

Dois artigos publicados no J.B. de 08/07/88, de Dom Marcos Barbosa e Dom José Fernandes Veloso, sobre Dom Marcel Lefebvre, merecem reparos.

Ambos tentam mostrar o grande “amor” e “compreensão” do Vaticano para com Dom Lefebvre, amor e compreensão que culminaram com o açoitamento em declarar a excomunhão, apesar de ele não ter professado, conforme afirma o Cardeal Silvio Oddi, nenhum erro doutrinário, mas sim fidelidade à Igreja.

A Santa Sé, depois do Concílio Vaticano II não tem mais condenado os protestantes, os cismáticos – levantou a excomunhão dos cismáticos ortodoxos – nem os professores católicos que escrevem heresias como Frei Leonardo Boff, da diocese de Dom Veloso, nem os favorecedores do comunismo que promovem invasões de terras etc., ninguém é excomungado. O “amor” e “compreensão” foram reservados para Dom Lefebvre e Dom Mayer que procuram manter a Tradição conforme o ensinamento perene da Santa Igreja.

D. Marcel Lefebvre não tem nenhum erro doutrinário. Ele não nega absolutamente a infalibilidade pontifícia, nem tampouco defende idéias liberais dos Velhos Católicos, algumas delas adotadas na Igreja Conciliar. Ele constata sim o favorecimento da heresia e o caráter heretizante das novas reformas litúrgicas. É bom lembrar que o Concílio Vaticano II foi um Concílio Pastoral e portanto não tem a mesma autoridade doutrinária que os outros Concílios dogmáticos, e é em nome destes que são rejeitadas algumas teses do Vaticano II que os contradizem.

“Quanto à frase alegada ‘onde está Pedro está a Igreja’, ela vale quando o Papa se comporta como Papa e chefe da Igreja; caso contrário nem a Igreja está nele nem ele na Igreja” (Card. Caetano II-II, 39, 1 – Cardeal Journet L’Eglise Du V. Inc. Pag. 596).

Quanto à defesa que fazem do Concílio Vaticano II dizendo que os abusos não são culpa do Concílio, eu pergunto: quais abusos? Será abuso do Vaticano II, por exemplo, João Paulo II visitar um templo luterano, elogiar a profunda religiosidade e a herança espiritual de Lutero e participar de um ofício herético?

Será abuso do Vaticano II o encontro de Assis, patrocinado pela Santa Sé, onde o ídolo de Buda foi colocado sobre o Tabernáculo do Altar principal da Igreja de São Pedro e lá adorado pelos bonzos? Pois João Paulo II lhes responde que não é abuso, pelo contrário, tudo isso está na linha do ecumenismo recomendado e promovido pelo Concílio Vaticano II (conf. Alocução aos Cardeais e Prelados da Cúria Romana – Observatore Romano, Ed. Port., 04/01/1987, pág. 1 e 3). Esta é a melhor resposta àqueles que querem inocentar o Concílio dos abusos que se lhe seguiram. Estão sob a árvore, os maus frutos lhes caem na cabeça e querem negar que procedem daquela árvore.

A intolerância da verdade

Costumam acusar a posição dos católicos ditos tradicionalistas de intolerante e contraditória, pois pleiteiam o direito de professarem suas idéias e não querem reconhecer este direito a outras expressões religiosas.

Se numa escola, uma professora ensina que $2 + 2$ são 4, e outra quer ensinar que $2 + 2$ são 3, e outra ainda que $2 + 2$ são 5, evidentemente só a primeira tem razão e só ela tem o direito de ensinar. A verdade é intransigente por si mesma. E se um aluno quiser seguir outras opiniões e colocar na prova que $2 + 2$ são 5 levará um zero e ninguém acusará a professora de sectária ou intolerante. A intransigência e a exclusividade fazem parte da verdade. $2 + 2$ são 4 e não 3 ou 5, e nem ao menos 3,9 ou 4,1. São 4 e só! Obviamente intolerante! E por mais que as outras opiniões adquiram adeptos, nem por isso se tornam menos erradas ou adquirem algum direito. A verdade não se faz pelo número de adeptos.

“Condenar a verdade à tolerância é condená-la ao suicídio. A afirmação se aniquila se ela duvida de si mesma, e ela duvida de si mesma se admite com indiferença que se ponha a seu lado sua própria negação. Para a verdade, a intolerância é o instinto de conservação, é o exercício legítimo do direito de propriedade. Quando se possui alguma coisa é preciso defendê-la sob pena de ser despojado dela bem cedo” (Cardeal Pio – Sermão na Catedral de Chartres).

Podemos e devemos ter caridade e tolerância para com as pessoas; mas devemos ser intolerantes com relação ao erro e ao mal, do mesmo modo que o médico deve ser tolerante com o doente mas intransigente com a doença, sob pena de fracassar.

Aliás, tratar-nos de intolerantes na defesa da verdade é fazer-nos um elogio. É colocar-nos em companhia dos primeiros cristãos, dos

santos mártires, símbolo e modelo da convicta intolerância com relação ao mal.

Por que os romanos, que eram tolerantes com todas as religiões e colocavam os deuses dos povos conquistados junto com os seus deuses no Pateon, por que razão eles perseguiram atrozmente a ferro e fogo os cristãos? Porque estes eram intransigentes e não permitiam que se colocasse Jesus Cristo lado a lado com os deuses falsos. Eles não eram partidários do ecumenismo irenista atual, infelizmente patrocinado até pelas autoridades da Igreja. Deles dizia Tácito: *“Não são criminosos, mas são intolerantes, com uma fé exclusiva que condena as crenças de todos os povos”*. A acusação que se fazia contra eles era a sua rigidez exclusiva e o apego absoluto à sua fé.

Mas foi por isso, por sua firmeza e convicta adesão à verdade, com exclusividade, que eles são santos e colocados pela Igreja infalível como modelos de todos os heróis e cristãos.

Nosso Senhor deu como características dos seus verdadeiros discípulos a perseguição que haveriam de sofrer. E esta sempre foi uma das notas identificadoras da verdadeira Igreja de Cristo, desde as catacumbas até hoje.

Liberais intolerantes

São Pio X apontava como uma das características dos modernistas uma tolerância extrema para com os inimigos da Igreja, e uma intolerância acerba contra os que defendiam energicamente a ortodoxia.

Há nesta atitude uma incoerência flagrante, pois os que têm por princípio tolerar todas as opiniões deveriam pelo menos tolerar os que sustentam os direitos da verdade. Aliás esta contradição é comum a todos os heresiarcas e a todos os que se afastam da verdade. As várias seitas, por exemplo, se unem com grande cordialidade, fechando os olhos aos seus pontos divergentes, sempre que se trate de combater a Igreja Católica em matéria de Fé.

Os antigos Romanos, que adotavam todas as religiões, perseguiram a ferro e fogo o cristianismo nascente.

A Revolução Francesa se dizia instaladora da completa liberdade e fraternidade. E em nome desta total liberdade cortou na guilhotina as cabeças de todos os que não aceitaram suas doutrinas. Davam-se vivas ao livre pensamento, mas aí de quem não fosse livre-pensador!

O progressismo, reedição do modernismo, que propugna o ecumenismo e a abertura com todas as religiões, reconhecendo o direito de todas, mostra-se, no entanto, ferrenho perseguidor da tradição.

Em certa paróquia do Sul do Brasil, que conheci agora, havia um coral que desejava seguir a tradição. Não cantavam na Igreja músicas protestantes ou em homenagens a Zumbi, como querem hoje os progressistas. Pois bem, o padre da paróquia, liberal e permissivista com tudo, reuniu o coral na Igreja, paramentou-se, prostrou-se por terra e depois ameaçou-os de excomunhão, brandindo contra eles o decreto do bispo que não tolerava que ali houvesse seguidores da tradição.

Em outra paróquia, Catedral diocesana, onde se permitem inclusive cultos protestantes substituindo a Missa de Domingo, se proíbe terminantemente que um padre fiel à tradição celebre a Santa Missa ou realize um batizado.

Já dizia Luís Veuillot que ninguém é tão radical e perseguidor quanto um liberal!

O Cardeal de São Paulo, D. Paulo Evaristo Arns, escreveu recentemente uma carta de elogio ao regime comunista de Fidel Castro, “adesão ao ateísmo” conforme classificou o editorial de O Globo. Qual punição que ele recebeu? Nenhuma! Continua tranqüilamente em seu cargo. E até se defendeu dizendo-se amparado pelo Vaticano.

D. Pedro Casaldáliga, que se intitula a si mesmo “Monsenhor martelo e foice” e se considera paramentado vestindo o uniforme dos guerrilheiros nicaragüenses, qual punição que recebeu? Nenhuma! E o Vaticano se apressou em dizer que não houve punição e procurou desfazer dúvidas que alguém poderia ter de que ele não contava com o apoio da Santa Sé!

Mas todo o rigor canônico foi usado, apenas alguns minutos depois, e trombetado por todos os cantos do mundo, contra D. Lefebvre e D. Antônio, por quererem preservar a tradição da Igreja!

Punições sintomáticas

A 30 de Junho do ano passado, D. Marcel Lefebvre com a assistência de D. Antônio de Castro Mayer, consagrou quatro bispos fiéis à Tradição, a fim de assegurar a continuidade da fé e dos sacramentos católicos, através da ordenação de sacerdotes segundo o espírito da Igreja de sempre. Aliás a obra de formação sacerdotal desenvolvida por Dom Lefebvre mereceu honroso elogio do enviado especial do Papa, Cardeal Eduardo Gagnon, que, na sua visita oficial, assim deixou consignado no livro de visitas do Seminário de Ecône: *“Que a Virgem Imaculada escute nossas preces fervorosas para que a obra de formação maravilhosamente desenvolvida nesta casa encontre irradiação para a vida da Igreja”*. Para que esta obra tradicional “maravilhosa” pudesse continuar viva e benéfica para a Igreja, necessitava de bispos fiéis à tradição, que as autoridades não queriam conceder. Assim, foram feitas as sagrações.

Alguns minutos após a cerimônia, o Vaticano, com uma rapidez impressionante, convocou a imprensa mundial para anunciar a excomunhão (inválida, evidentemente) dos “criminosos” que tentavam perpetuar aquela obra “maravilhosa” da tradição. E, no outro dia, o Vaticano incluiu também na excomunhão (inválida, também) D. Antônio de Castro Mayer, que, pelo novo Direito Canônico, não ficaria excomungado, já que foi apenas co-sagrante. Mas, quando se trata de bispos fiéis à tradição, as coisas odiosas devem ser ampliadas, contrariando o princípio consagrado pelo Direito. E, para votá-los à execução pública, o nome dos dois dignos bispos é retirado do Anuário Pontifício.

O Cardeal de São Paulo, D. Paulo Evaristo Arns, que, além de promover congressos pró-sandinistas, escreve ao “queridíssimo Fidel” comparando o regime comunista ao Reino de Deus, continua tranqüilamente na sua sede cardinalícia. E não venham os ingênuos dizer que a divisão de sua arquidiocese foi uma justa punição!

D. Pedro Casaldáliga, filo-comunista confesso a ponto de se intitular a si próprio “Monsenhor martelo e foice”, que desafia publicamente a autoridade da Igreja, também não foi punido pelo Vaticano, segundo afirmou o Núncio Apostólico, D. Carlo Furno, nem foi convidado a ficar em silêncio, segundo declarou Mons. Giovanni Batista Re, secretário da Congregação para os Bispos (O ESP e O GLOBO 27/09/88), mas conta com o apoio da CNBB e tem o apreço do Papa, segundo declaração de D. Luciano Mendes de Almeida, presidente da mesma CNBB (JB 26/10/88). O Vaticano inclusive ficou preocupado com a ameaça à vida de D. Pedro por causa da versão de que ele não contaria com a aprovação irrestrita da Santa Sé (O Globo 27/09/88).

D. Hunthausen, arcebispo de Seattle (USA), que abençoava casais homossexuais, recebeu, como “punição”, um bispo coadjutor. Mas o arcebispo não o aceitou. Depois, o Papa visitou os EEUU, a “punição” foi suspensa, o coadjutor removido, e Hunthausen continua sua “pastoral”.

D. Gaillot, bispo de Evreux, França, considera o Evangelho uma “palavra contestável como as outras”, aprova os preservativos e a bênção de casais homossexuais, dá entrevistas a revistas pornográficas etc. Quando os católicos tradicionais protestam contra ele, o Cardeal Decourtray, presidente da Conferência Episcopal Francesa, respondeu que o assunto teria que ser tratado com muita “caridade fraterna”. Nada de punições!

E o nome de todos esses bispos continua honrosamente no Anuário Pontifício!

Todo esse quadro é muito sintomático, triste e demonstrativo de como realmente a Igreja está ocupada por seus inimigos.

Um ano da “excomunhão”

No debate da RÁDIO CONTINENTAL no último dia 12 de Julho, lembrando um ano da “excomunhão” dada aos Bispos tradicionais D. Marcel Lefebvre e D. Antônio de Castro Mayer, o jornalista me perguntava se a “tradição” continuava e se estávamos tranqüilos.

Evidentemente que sim. Tranqüilos porque o que fazemos e ensinamos na Teologia, na Liturgia, na Pastoral, na Catequese, foi o que a Igreja sempre fez e ensinou. Se estamos errados agora, então foram 20 séculos de erro da Igreja, o que é impossível, pois a Igreja conta com a garantia da infalibilidade dada por Nosso Senhor. Se nos condenam por isso, a injustiça é patente. E São Roberto Belarmino, doutor da Igreja, ensina, aprovando proposições do Concílio de Veneza, que não se deve fazer caso de excomunhão dada pelo Papa quando for injusta.

Santo Atanásio foi também excomungado pelo Papa Libério (Ep. Studens Paci, D. 138) e nem por isso se perturbou: sabia que estava defendendo sua Fé como a Igreja sempre ensinara e não queria participar do favorecimento da heresia patrocinado pelo Papa de então.

Não somos nem queremos ser cismáticos. Ser cismático, segundo ensina Santo Tomás de Aquino, é ter a intenção de construir uma outra igreja separada que não a católica. Ora, isso jamais nos passou pela cabeça; pelo contrário, a nossa luta é justamente porque queremos ser fiéis aos princípios e ensinamentos perenes da Santa Igreja Católica, Apostólica, Romana, e por nada deste mundo nos dissociaremos da Pedra sobre a qual Jesus Cristo fundou a sua Igreja. Nossa posição não é de contestação, mas sim de fidelidade. E é esta fidelidade que está nos custando caro, mas é nosso dever de consciência para com Deus e a Igreja.

Um fato interessante: Existe, há mais de um século, na Europa, um cisma chamado “Igreja dos velhos católicos”, estabelecida em

Utrecht na Holanda, a qual tem clero e bispos que regularmente têm sagrado outros bispos. Cada vez que isso acontecia, era comunicado a Roma e cada vez a resposta de Roma era a excomunhão de novo bispo. Ora, recentemente, houve a sagração de um novo bispo em Utrecht, mas desta vez a resposta e Roma foi um telegrama de felicitações! (Rev. Kyrie eleison n° 3/88 pág. 32).

Verdadeiros cismáticos e hereges recebem felicitações de Roma por sagrarem um bispo também herege e cismático, ao passo que os Bispos fiéis à Tradição da Igreja, que combatem a heresia e o cisma, são “excomungados” por preservarem a tradição de bispos católicos tradicionais!

A virtude da sinceridade

“Que o vosso falar seja: Sim, se for sim; Não, se for não; porque tudo o que passa disto procede do maligno”, assim disse Nosso Senhor no Sermão da Montanha, definindo como deveriam falar e agir os seus discípulos. Reforçava deste modo o que Deus já havia dito no Antigo Testamento: “*Detesto a língua de duplo sentido*”.

A sinceridade, o amor à verdade, é uma virtude. E, se houve vício que provocou a indignação de Jesus Cristo, esse foi a duplicidade dos fariseus.

O mal é que a mentira gosta de se ombrear com a verdade. E de tanto ser repetida acaba impressionando.

E nosso último artigo, por exemplo, explicamos não ser verdade – por mais que isso seja repetido – designar os regimes nazista e fascista como direitistas. Nazismo e fascismo foram regimes igualitários, totalitários, defenderam o socialismo e estatizaram a economia e a educação, portanto com todas as características da esquerda.

Outra tática muito usada é a das meias verdades, que muitas vezes são piores que a mentira. E frequentemente os meios de comunicação nos transmitem uma meia verdade, dando-nos a impressão ilusória de estarmos conhecendo a realidade.

Certa vez fizeram uma reportagem televisiva sobre Campos. E ao transmitir a imagem de nossa cidade, focalizaram o nosso Mercado Municipal por volta das 17 horas com a conhecida frequência de urubus disputando os sobejos do dia. Essa foi a imagem de Campos transmitida para o Brasil, que certamente deve ter provocado arrepios de horror por nossa terra em quem não nos conhece bem. Não era mentira o que eles transmitiram, nós sabemos. Mas era uma meia verdade, pior do que a mentira, que deturpa a realidade. Campos não é só isso, nem principalmente isso!

O mesmo fizeram com os Padres Tradicionais, os Padres de Campos que procuram manter a tradição doutrinária e moral que receberam da Igreja. Passaram a imagem de duros, de intransigentes etc. Aqueles que impedem as mulheres de entrar com certos trajes na Igreja! E quando se pergunta quem são os Padres tradicionais todos repetem isso! É verdade que estes Padres, com razão, se esforçam para manter o respeito nas Igrejas. Mas eles não são só isso, nem principalmente isso. A Tradição é algo muito mais abrangente. Mas a meia verdade serve para provocar antipatias. E assim, à custa de meias verdades, se constrói o reinado da mentira, e sempre com segundas intenções.

Desastres da ambigüidade

O maior desastre aéreo já registrado no mundo ocorreu a 27 de março de 1977, no Aeroporto de Tenerife, Ilhas Canárias, onde dois Jumbos, um da Pan Am e outro da companhia aérea holandesa KLM, se chocaram quando se preparavam para decolar, provocando a morte de 612 pessoas.

A causa desta terrível tragédia foi algo que pode parecer simples, mas que trouxe tão tremendas conseqüências: a ambigüidade das palavras. A torre de controle havia ordenado a um dos pilotos “Hold position” (sustente a posição – fique parado) e ele entendeu “Roll to position” (vá para a posição – siga). Palavras semelhantes com significado diverso.

Depois desta catástrofe provocada pela ambigüidade, a aviação internacional retirou do seu vocabulário a expressão “roll to position”, trocando-a por outra que não provocasse dúvidas e conseqüentes desastres. É a voz do bom senso: onde há ambigüidade ponha-se a clareza. O contrário seria o cúmulo da insensatez: trocar a clareza pela ambigüidade.

A Igreja Católica sempre ostentou uma clareza singular nos seus dogmas, definidos no decorrer dos séculos pelos vários Papas e Concílios. Ademais a Igreja possui o seu Sacrifício, a Santa Missa, que é ao mesmo tempo a sua oração por excelência e uma explícita profissão de fé, clara e sem ambigüidade, barreira contra a heresia. E é assim que a Igreja manifesta a sua identidade e defende a fé dos seus filhos.

Veio o Concílio Vaticano II. Vieram as reformas. Veio a Missa Nova. Onde havia a clareza colocou-se a ambigüidade. Um exemplo entre muitos: todos os Santos, Papas, Concílios e Doutores sempre ensinaram que a Igreja de Cristo é a Igreja Católica. O Concílio Vaticano II (Lumen Gentium), ao contrário de todos os outros, veio colocar ambigüidade onde havia clareza, propositalmente evitando afirmar que a Igreja de Cristo é a Igreja

Católica, ensinando apenas que “subsiste na Igreja Católica”. Evidentemente os teólogos progressistas, como Leonardo Boff, tiraram a lógica conclusão: a Igreja de Cristo pode também subsistir em uma outra igreja cristã. E a partir daí se desenvolveu todo um ecumenismo que põe no mesmo plano as igrejas protestantes e a Igreja Católica.

Para substituir a Santa Missa tradicional, clara profissão de Fé católica, se fabricou a ambígua Missa nova, que obscurece as expressões que sublinham os dogmas eucarísticos, aproximando a Missa da ceia protestante.

Os desastres na fé provocados por estas ambigüidades têm conseqüências eternas: só na América Latina, depois do Vaticano II, 60 milhões de católicos passaram para as seitas! E a fé vai desaparecendo dos corações...

Civilização ou Barbárie

Ultimamente tornou-se lugar comum entre os progressistas indicar os índios como modelos de virtudes para os cristãos. Chegaram até a mudar a didática dos missionários, tirando-lhes assim a razão de ser: antigamente, dizem, os missionários iam catequizar os índios; agora, porém, eles vão aprender com os índios!

Fazem o contrário da ordem de Nosso Senhor: *“Ide e ensinai a todos os povos tudo o que vos ensinei...”*. *“Ide e aprendei”*, corrigem os modernos apóstolos. Mas, será que os índios são assim tão puros e santos, modelos de civilização?

Acabo de ler um livro interessantíssimo, bem documentado, “A civilização indígena do Uapés” (Amazonas), compilação de observações “in loco” dos missionários salesianos que há mais de um século trabalham nas missões entre os índios, livro que retrata bem como são e como vivem comumente nossos irmãos indígenas.

Ao lado de qualidades naturais quais sejam uma inteligência prática e paciência no trabalho, os índios apresentam defeitos graves que caracterizam sua psicologia: indolência, desmazelo, ganância, simulação, gula e forte instinto de vingança mesmo contra seu irmão, pai ou mãe.

Na religião são horripelantemente supersticiosos, o que os leva a práticas absurdas e ridículas ponto em risco sua saúde e vida. Praticam ademais o canibalismo econômico, consumindo a carne dos inimigos, e o canibalismo ritual, nos repastos sagrados, para adquirir as virtudes dos mortos.

Na higiene são tão repugnantes que se nivelam aos animais. Quanto à moralidade, não existe conceito de fidelidade conjugal ou de virgindade. Vivem na mais completa liberdade sexual, que aliás tem caráter religioso e ritual. O aborto e o infanticídio são práticas comuns. Assassinam comumente o quarto filho consecutivo do mesmo sexo, o 2º dos filhos gêmeos e os filhos defeituosos.

Outrossim a situação doméstico-social da mulher é da mais brutal inferioridade, concomitante com sua máxima decadência moral.

De tudo isso se conclui como foi penoso e meritório o trabalho de catequese feito pelos nossos antigos missionários, levando os índios à prática das virtudes cristãs na verdadeira e única civilização digna deste nome, a civilização cristã, e como são desumanos e cruéis os modernos antropólogos e missionários que pretendem deixar nossos irmãos indígenas na barbárie que os torna piores que os animais.

400 por hora!

O Natal cristão tem como centro o Menino Jesus, como ambiente a Igreja e a Família, como cerimônia a Santa Missa. Mas há outros natais.

O Natal pagão é o Natal exclusivamente comercial, cujo centro é o Papai Noel, cujo ambiente são as lojas, as praias e os clubes, cujas cerimônias são as festas profanas, bebedeiras, comilanças etc.

O Natal de Herodes: Natal dos perseguidores e inimigos de Cristo. Natal dos que promovem a chacina dos inocentes, como Herodes, com o aborto e com a corrupção da infância e da juventude.

Natal dos judeus: receberam a graça de ter em sua nação o Salvador do mundo. A razão de ser daquele povo escolhido era ser a pátria do Messias. Eles carregavam as Sagradas Escrituras, sabiam de cor todas as profecias que descreviam todos os pormenores da vinda de Cristo, a data e o local do seu nascimento, sua Mãe, sua doutrina, sua paixão e sua morte. Tinham diante de si a realização daquelas profecias, Jesus Cristo, e não o aceitaram, odiaram-no e mataram-no. É o mistério da cegueira do coração humano. É o Natal dos indiferentes e dos falsos cristãos que vivem como pagãos, não se importando com Nosso Senhor.

Natal dos Príncipes dos Sacerdotes e Doutores da Lei, representantes da religião oficial daquele tempo. Esses são os mais culpados. Sabiam onde estava a verdade. Chegaram até a indicar para os Magos o caminho de Belém onde havia nascido o Salvador. Mas não foram nem conduziram ninguém para lá. E mais tarde foram os grandes perseguidores de Cristo.

Quantos, investidos do cargo de representantes de Deus e de condutores do povo, abusam de sua posição e autoridade para ensinar o erro e desviar o rebanho do seu verdadeiro pastor!

Esses falsos pastores afastam sim, mais e mais, as ovelhas do redil do Senhor.

A propósito das últimas eleições, uma reportagem do “The New York Times” (12/11/89, 4) que me chegou às mãos, descreve a participação política ativa no Brasil da Igreja progressista em favor das esquerdas. E da uma triste estatística: por hora (!) 400 católicos latino-americanos passam para as seitas protestantes! 400, por hora! São os frutos dessa nova Igreja Progressista. E pelos frutos se conhece a árvore.

Boa reflexão para o final da década!

Viva o Papa!

Mais uma vez o Brasil recebe a visita do Vigário de Cristo na Terra, elo da corrente dos sucessores de São Pedro, testemunha viva da perenidade da única verdadeira Igreja fundada por Jesus.

Nós, católicos, nos alegramos, enquanto os hereges se enfurecem, porque odeiam a Igreja Católica, cuja existência põe a nu a artificialidade de suas seitas, aproveitando-se muitas vezes das falhas da parte humana da Santa Igreja.

Que os hereges e o mundo odeiem a verdadeira religião não nos causa admiração, pois isso Nosso Senhor já nos prevenira: “*Se o mundo vos odeia, sabe que me odiou a mim antes de vós*” (Jo 15, 18).

O que causa realmente espanto e dor é ver membros da Igreja, e até de sua hierarquia, fazer coro aos hereges e ao mundo para destruir a legítima doutrina da Santa Igreja.

É o que caracteriza a “autodemolição” da Igreja e a “fumaça de satanás no templo de Deus”, denunciada por Paulo VI, que hoje se tornou mais grave, como deplorou Dom Manuel Pestana, bispo de Anápolis: “Creio que já ultrapassamos os limites do tolerável... Não é apenas a fumaça de satanás que entrou na Igreja, por alguma fenda oculta, como lamentava o Santo Padre Paulo VI: é, transpondo triunfalmente os portões, o diabo inteiro, presente nos mais altos postos, através de seus fiéis seguidores” (JB de 11/03/1988).

Como gostaríamos de ver então o Papa Paulo II condenar os erros que assolam a Igreja de hoje, assim como Pio IX condenou o liberalismo, como São Pio X condenou o modernismo, como Pio XI condenou o ecumenismo.

Como dói o coração do católico ao saber que as condenações hoje não são mais para os hereges e destruidores mas sim para os que desejam e tentam conservar a tradição perene da Santa Igreja!

Como nosso coração católico gostaria que as visitas do Papa fossem realmente apostólicas, para confirmar os cristãos na Fé e condenar os erros, e não, como têm sido, é triste dizê-lo, para confirmar os hereges nos seus erros, os pagãos nas suas superstições e os destruidores nas suas posições, pregando apenas “os direitos do homem”.

Assim, foi triste ver João Paulo II, visitando um templo luterano, elogiar a profunda religiosidade e a herança espiritual de Lutero (17/11/1980)! Foi doloroso vê-lo, acompanhado de vários Cardeais, num templo luterano em Roma, participar de um ofício herético a recitar uma oração composta por Lutero, grande inimigo da Igreja (11/12/1983)!

Não foi nada edificante ver João Paulo II receber uma delegação da maçonaria judaica B'nai B'rith, qualificando a recepção de “encontro entre irmãos” (17/04/1984).

Foi humilhante para a Igreja João Paulo II, na Tailândia, se inclinar profundamente diante do patriarca budista Vasana Tara, o qual nem sequer lhe dirigiu um olhar (12/06/1984)!

Foi escandaloso João Paulo II enviar um representante oficial na colocação da pedra fundamental de ritos satânicos em Kara, em Togoville (08/08/1985)!

Foi igualmente consternador vê-lo, na Índia, receber de uma sacerdotisa hindu, na testa, o sinal de “Tilak” (02/02/1986)!

Também não foi construtivo vê-lo participar da recitação de salmos na grande Sinagoga de Roma (13/04/1986) e convidar os católicos e judeus a prepararem juntos o mundo para a vinda do Messias (!) (24/06/1986)!

E ultrapassou os limites da consternação ver, na Igreja de São Pedro, em Assis, no encontro promovido por João Paulo II, os bonzos adorarem o Grande Lama, que para eles é a reencarnação de Buda, sentado de costas para o Sacrário, com o Santíssimo (cf. Avvenire 28/10/1986), e ver, na mesma Igreja, no mesmo encontro,

o ídolo de Buda ser colocado sobre o Tabernáculo do Altar principal e lá ser adorado (cf. Avvenire e Il Matuttino 28/10/1986)!

É, assim, doloroso, triste e lamentável constatar que o próprio João Paulo II participa da autodemolição da Igreja!

Não queremos julgar ninguém. Apenas constatamos os fatos, que são públicos, que escandalizam a muitos e não convertem ninguém do erro, antes pelo contrário, e levam muitas almas a perderem a Fé e a confiança na Igreja. Foi o que induz mais de 60 milhões de católicos, na América Latina, depois do Concílio Vaticano II, a abandonarem a Igreja e passarem para as seitas!

E, enquanto a autodemolição é patrocinada, a tradição é excomungada! E “pour cause”!

Mas nem por isso esmoreçamos, sabendo que o melhor serviço que podemos prestar ao Papa e à Igreja é resistirmos à sua autodemolição e sermos fiéis à sua perene Tradição.

A Liturgia nos ensina a rezar na ladainha de Todos os Santos: *“Que vos digneis conservar na santa religião – porque dela também eles podem se afastar – o Santo Padre e todos os membros da hierarquia eclesiástica, nós vos rogamos, ouvi-nos, Senhor”*. É esta a nossa oração de hoje.

Viva o papa! Deus o proteja – O Pastor da Santa Igreja!

Porque somos Católicos Apostólicos Romanos...

Porque somos católicos, trouxe-nos grande alegria a visita à nossa Pátria do sucessor de São Pedro, chefe da Igreja Católica, Vigário de Jesus Cristo na terra.

Porque somos católicos, rezamos e promovemos entre os fiéis orações especiais pelo bom fruto da visita do Santo Padre ao Brasil, frutos de crescimento espiritual para os católicos e frutos de conversão para os não católicos.

Porque somos católicos, ficamos alegres com toda a magnífica e entusiástica recepção que o povo brasileiro fez ao Santo Padre, o Papa, o que demonstra o caráter cristão e católico da Terra de Santa Cruz.

Porque somos católicos, enviamos uma representação (dois sacerdotes, representando os padres fiéis da Tradição) na recepção do Santo Padre, o Papa, no seu encontro com as famílias, no Maracanã.

Porque somos católicos, acatamos e apoiamos todos os ensinamentos do Santo Padre, o Papa, que transmitem a doutrina tradicional da Igreja, principalmente a sua defesa da família e da indissolubilidade do matrimônio, e sua condenação do aborto, do divórcio, da pornografia e de tudo o que atenta contra a santidade da família.

Porque somos católicos, e queremos guardar fielmente a nossa Fé e identidade católica, não pudemos, infelizmente participar das celebrações litúrgicas, por se tratarem do novo rito da Missa, de caráter ambíguo, protestantizante e ecumênico, portanto ofensiva a Deus, Nosso Senhor. A nossa rejeição ao progressismo-modernismo é consequência da nossa fidelidade à Igreja, que não nos permite concordar com a protestantização e mundanização da Igreja, que caracterizam a sua autodemolição denunciada por Paulo VI.

Porque somos católicos, renovamos a nossa Profissão de Fé Católica, nossa adesão plena e total à Santa Igreja, nossa rejeição a todos os erros já condenados por ela, e recusamos toda e qualquer idéia ou sentimento de heresia ou cisma.

Porque somos católicos, rezamos como a Igreja nos ensina, que Deus conserve fiel na Santa Religião o Santo Padre, o Papa, e todos os membros da hierarquia eclesiástica.

E, porque somos católicos, rejeitamos e protestamos contra os ataques e críticas dos hereges, cismáticos, ateus e demais inimigos da Fé Católica contra o Santo Padre, o Papa, pois tais ataques atingem a própria Igreja e a Nosso Senhor.

O Santo Sudário

O Santo Sudário, ou seja, o lençol em que o corpo morto de Cristo foi envolto após a crucificação do Calvário, está guardado atualmente na Catedral de Turim, Itália, onde o veneram milhares de peregrinos entre os quais por duas vezes já tive a graça de me incluir.

A tradição multissecular já o afirmava e a ciência moderna veio nos últimos anos confirmar: trata-se realmente do sagrado lençol mortuário de Cristo.

O Sudário, com efeito, traz impressa a figura de um homem de 1,80 de altura, com a idade que varia de 30 a 35 anos, com grande variedade de marcas da flagelação, uma série de perfurações na cabeça provenientes de espinhos cravados; feridas, especialmente nas mãos e nos pés que foram transpassados; uma face desfigurada, machucada e ferida, demonstrando ter sido espancado duramente; uma grande ferida no ombro direito proveniente de um grande peso suportado.

Nas pesquisas científicas a que foi submetido o misterioso lençol, foram usados os mais sofisticados e modernos aparelhos e exames: microscópio eletrônico, bombardeamento de nêutrons, computador, raios infravermelhos, ultravioletas e raios-X, analisador de imagens VP-8 da NASA: Esta, por exemplo, levou 11 toneladas de equipamentos e os seus técnicos passaram 15 dias, em 1981, examinando a peça.

As conclusões científicas foram surpreendentes e confirmaram a tradição: trata-se de um tecido de linho com idade de 2000 anos; nele foram encontrados polens de plantas só existentes na Palestina; sobre os olhos, o que parecia ser sombras constatou-se ser duas moedas de cobre do século I com a inscrição de Pôncio Pilatos, ano 30-31 da nossa era; não se trata de uma pintura mas de uma impressão do tipo negativo fotográfico de uma imagem tridimensional, misteriosa e desconhecida; as precisões anatômicas

são tais que teria sido impossível ser obra de um falsário; e todos os outros pormenores correspondem exatamente à descrição que os Evangelhos fazem da Paixão de Cristo.

Lembramos que o Santo Sudário não é um dogma, nem fonte, nem base, nem prova da nossa Fé. É, porém, um testemunho excepcional sobre a Paixão de Nosso Senhor.

Depois de todas estas provas, é óbvio que os inimigos da fé não ficaram satisfeitos e buscaram uma desmoralização do Sudário para assim tentar lançar confusão nos fiéis.

No ano passado, foram encomendadas análises de Carbono 14, efetuadas em Zurich, Oxford e Tucson (Arizona), as quais “concluíram” que o Santo Sudário datava aproximadamente do ano 1350, portanto não era autêntico. E o Cardeal Anastásio Ballestrero, de Turim, apressou-se em provar estas conclusões dizendo que não via nenhuma razão para que a Igreja pusesse em dúvida estes resultados (!).

Isso não só provocou indignação nos cientistas da NASA (Ales – “Media Noche” 13/10/88), como uma legítima desconfiança em todo o mundo cristão.

Na verdade, o teste de datação do Carbono 14 é científico, mas não é infalível. Cientistas de renome afirmaram que há vários fatores que modificam esta análise e alteram a datação: O Sudário foi contaminado por óleo vegetal que contém C14; esteve já a uma temperatura de 961° quando um incêndio derreteu o cofre de prata em que estava; sofreu a ação, nos exames anteriores, dos raios Roentgen que produzem partículas beta; esteve exposto à fumaça das velas, à umidade, ao contato de milhares de mãos, calculando-se que 15% de seu peso é material estranho.

Ademais, vários cientistas confirmam grandes enganos no teste de Carbono 14. Em 1983, por exemplo, pediram ao laboratório de Tucson, o mesmo que fez o teste no Sudário, que determinasse com a análise de C14 a idade de um chifre de vaca, que se supunha deixada pelos Vikings na América: o resultado deu o chifre como

sendo do ano 2006 depois de Cristo! Quer dizer que faltavam ainda 20 anos para a vaca nascer!

Esta e muitas outras falhas do teste de C14, publicadas em muitas revistas científicas européias, demonstram claramente a temeridade da afirmação do Cardel Ballestro, e a fraqueza e incapacidade do teste de C14 para derrubar todas as outras provas científicas e especialmente contradizer uma tradição de muitos séculos de que realmente o lençol de Turim é o Santo Sudário de Cristo.

Apostasia

Apostasia, segundo os dicionários, significa mudança de religião, principalmente em se tratando da religião verdadeira, a católica. Ou seja, apostasia vem a ser a perda da Fé ou dos princípios católicos.

São Paulo, na 2ª Epístola aos Tessalonicenses, no capítulo 2º, fala que, antes da vinda de Nosso Senhor no fim do mundo e antes mesmo da vinda do Anticristo, haverá **uma grande apostasia**. Aliás, também Nosso Senhor, em São Mateus 24, 12, falando dos últimos tempos, diz que *“por se ter multiplicado a iniquidade, esfriar-se-á a caridade de muitos”*. E Ele chega a perguntar: *“Quando vier o Filho do Homem, encontrará Fé sobre a terra?”* (S. Lucas 18, 8).

Trata-se, portanto, não de uma ou outra apostasia, mas DA APOSTASIA, por antonomásia, uma apostasia, ou mudança e perda da religião, generalizada.

Mas, pode-se mudar de religião, ou perdê-la, de vários modos, e até imperceptivelmente. E não é preciso negar todas as verdades da Fé ou todos os princípios católicos para se mudar de religião. Basta negar um só princípio, uma só verdade da Fé católica, para se deixar de ser católico. Aliás, heresia quer dizer escolha de algumas verdades e recusa de outras, aceitação parcial das verdades da Fé. E o herege já não é mais católico. E todo herege é excomungado.

ASSIM, por exemplo, quem não acredita no Inferno, ou na Vida Eterna, achando que o que vale é só esta vida, já perdeu a Fé católica, já não é mais católico.

Quem pensa que a religião católica é apenas para fazer promoção social e que falar do Céu e dos valores sobrenaturais é algo alienante, já perdeu a Esperança católica, já não é mais católico.

Quem pensa que a Moral católica mudou com os tempos modernos e que o que era pecado antes, hoje já não é mais e que,

após o Concílio Vaticano II, quase nada mais é pecado, já não é mais católico, embora pertença até a movimentos de Igreja.

Quem pensa que a Igreja mudou as suas doutrinas após o Concílio Vaticano II e abraçou as idéias liberais do mundo que antes ela havia condenado, já deixou de ser católico, ainda que ostente títulos e ocupe cargos elevados na Igreja.

Aliás o célebre CATECISMO do Pe. Francisco Spirago, um dos catecismos mais populares do mundo, editado em mais de 30 línguas desde 1902, diz o seguinte, à página 77, falando da verdadeira Igreja de Cristo: “*deve ser uma só, quer dizer, em todos os tempos e lugares deve ter a mesma doutrina... Se, pois, alguém conseguir provar que uma Igreja, no decorrer dos tempos, mudou as suas doutrinas, fica automaticamente provado que ela não é a verdadeira Igreja*”.

Quem acha que a Missa não é mais um sacrifício propiciatório, renovação do Sacrifício da Cruz, mas apenas a reunião do povo sob a presidência do sacerdote para comemorar a ceia do Senhor, já não tem mais a verdadeira Fé católica, já não é mais católico.

Quem acha que pode se encontrar a salvação por meio de qualquer religião, e que o Espírito Santo se serve das falsas religiões como meios de salvação, já não tem a verdadeira Fé católica, já mudou de religião.

Quem acha que não se deve fazer mais apostolado de conquista daqueles que estão fora da verdadeira Igreja (ao que chamam de proselitismo), e que deve se deixar cada um na própria religião, pois em qualquer uma se pode servir a Deus, já perdeu a Fé católica, já não é mais católico.

Quem acha que o homem tem liberdade moral de escolher a religião que quiser, e que tem direitos subjetivos independentemente dos direitos absolutos da verdade, do bem e de Deus, e que o Estado deve ser leigo em matéria religiosa, já não adota mais os princípios católicos, já abandonou a verdadeira religião.

Quem acha que, ao contrário do que disse Nosso Senhor, se pode servir a dois senhores, a Deus e ao mundo, já não pensa mais conforme os princípios católicos, já mudou de religião.

Conclusão: Há muita gente, dentro da Igreja Católica, com o nome de católico, que já abandonou a verdadeira religião católica, já apostatou, já entrou, talvez até imperceptivelmente, porque seguiu outros, na “grande apostasia” de que fala São Paulo.

Que Deus, Nosso Senhor, nos dê a perseverança na verdadeira religião católica.

Opções políticas

Não é fora de propósito repetir, sobre as eleições, as sábias normas dadas em outra época por S. Exa. Dom Antônio de Castro Mayer, então bispo diocesano de Campos. São princípios que devem orientar os católicos para que procedam de acordo com a consciência cristã na opção política. Ei-las:

Costuma-se distinguir ação política e ação político partidária. É admissível a participação do fiel na vida política do país, sem que ele necessariamente se engaje num determinado partido político.

Mas a abstenção político partidária não pode levar o católico a ser indiferente a todos os partidos. Pois há agremiações políticas que merecem explícita censura da Igreja, como o Partido Comunista: este partido, e quem o favorecer, foi objeto de reprovação e penas decretadas pela Santa Sé.

E quando a Igreja assume tal posição em matéria política é porque está em perigo a própria organização e condução da Coisa Pública: um partido político merece condenação da Igreja quando seus estatutos e sua ideologia afirmam algo contra as exigências do Direito Natural, da Moral Natural e da Doutrina revelada por Deus.

Alguns católicos porém, não desejando de modo algum o totalitarismo comunista e escandalizados com o abuso do capitalismo selvagem, esquecendo-se no entanto da estruturação orgânica preconizada pela Igreja para uma sociedade justa e cristã (Leão XIII e Pio XI), apontam como única alternativa válida, o socialismo.

Mas Pio XI, na encíclica *Quadragesimo Anno*, em que especifica a distinção entre Comunismo e Socialismo, já observava que *“socialismo religioso, socialismo católico são contraditórios: ninguém pode ser ao mesmo tempo bom católico e verdadeiro socialista”*. Na ordem econômica, o Papa reivindica a legitimidade do direito de propriedade pessoal e individual como postulado da

dignidade humana. E expõe com clareza a oposição radical entre o Socialismo e o Catolicismo, oriunda da própria filosofia em que se inspira e que constitui a alma do Socialismo. Esse é o motivo por que, dizia o Papa, deve o fiel rejeitar o Socialismo mesmo quando se aproxima da verdade e da justiça pregadas pela Igreja, *“pois ele concebe a sociedade de modo completamente avesso à verdade cristã”*.

E Pio XII, já em 14 de Setembro de 1952, declara que no Socialismo *“soçobram os mais altos valores: a dignidade da família e a salvação eterna das almas”*.

Bem, alguns vão protestar contra o que dizemos sustentando que o comunismo e o socialismo mudaram: “Comunista não come criancinhas, como diziam!”. Não come mas mata! Pois o candidato do Partido Comunista, ateu confesso, defende abertamente o aborto, que, cristã e cientificamente falando, é um infanticídio, inteiramente contrário à moral, ao direito natural e à doutrina revelada por Deus.

Donde vem o poder?

Diz a falsa teoria sociológica de Jean-Jacques Rousseau, teoria esta posta em prática pela Revolução Francesa, que todo o poder vem do povo, residindo neste a fonte de toda a autoridade civil.

Esta teoria tomou corpo em todas as democracias modernas. E desta doutrina procedem muitos desvarios: o homem acha-se dono de si mesmo e dos seus destinos, faz e desfaz suas próprias leis, sem levar na menor consideração a lei de Deus. É o célebre mito da soberania popular. É o homem que quer se fazer deus. Aliás esta sedutora tentação data dos primórdios da humanidade, quando a serpente infernal, sugerindo aos nossos primeiros pais a revolta contra Deus, segredou-lhes: “*Sereis como deuses...!*”. E as conseqüências deste engodo do pai da mentira nós sofremos até hoje!

Mas contra esta tese da origem popular do poder está a palavra divina: “*Não há autoridade que não venha de Deus*” (Rom. 13, 1). Todo o poder vem de Deus. Os homens poderão até escolher o nome, a pessoa do governante, como acontece no regime democrático, mas quem lhe dá o poder e autoridade é Deus. E isso em qualquer forma de governo, monárquico, aristocrático ou democrático.

Daí o respeito que devemos ter à autoridade constituída: o seu poder vem de Deus.

Nosso Senhor reconheceu esta origem do poder até no governador romano Pôncio Pilatos que iniquamente o julgava (São João 19, 11). Ele estava abusando de um poder recebido de Deus.

Segue-se disso a gravidade do abuso de poder: o governante está extravasando, abusando de um dom, de um carisma, de um poder que lhe foi dado pelo próprio Deus. Que severas contas darão a Deus os governantes!

E o pior castigo que Deus pode dar a um povo infiel são os maus governantes: “*Farei que tenham meninos por príncipes, e pirralhos que lhes dêem ordens*” (Isaías 3, 4).

É o célebre adágio popular: o povo tem o governo que merece.

Que Nossa Senhora Aparecida nos proteja e dê sempre bons governantes à nossa Pátria!

Postulados falsos

Postulados são princípios que se pressupõem como verdadeiros sem necessidade de demonstração. O mal é que às vezes, e sobretudo no campo político, se propagam falsos pressupostos, que, embora não confessados claramente, são adotados como postulados. Examinados, porém, com cuidado, vemos que são ou inteiramente ou parcialmente falsos, mas que, dada a sua semelhança com a verdade, iludem os incautos. Eis alguns deles:

“Todo rico é suspeito e todo pobre é bom” (Como se só o fato de ser rico ou pobre constituísse um valor moral; há ricos e pobres bons e maus, em toda a parte e por muitas razões).

“Todo patrão é mau, todo empregado é bom” ou “Na luta com o patrão, o empregado sempre tem a razão” (Será tão simples assim?! Aliás este estilo de generalização tornou-se muito comum na esquerda).

“Trabalho que merece este nome é só trabalho manual e braçal” (E o trabalho intelectual? E o trabalho de organização e direção do proprietário ou do patrão, de muito maior responsabilidade e desgaste?!).

“O socialismo e o comunismo trazem a felicidade dos povos” (por isso estão todos fugindo dos países em que foram implantados, bastando abrir as portas!).

“Quem não é socialista ou comunista é fascista ou nazista” (Quem conhece história sabe que o fascismo e o nazismo se assemelham muito mais ao socialismo e ao comunismo: regimes totalitários e estatizantes!).

“A esquerda é progressista!” (Defendendo os regimes de arcaicas ditaduras opressoras do povo como a de Cuba e dos países comunistas?! Está provado que o socialismo e o comunismo não deram certo em parte alguma e por isso vêm sendo abandonados na Europa. Querer adotá-los é regressismo.).

“Comunista não come criancinhas!” (mas matam, pois defendem o aborto em qualquer fase e sem nenhuma restrição. Aliás o que eles devoram são os adultos, e com tanques de guerra, como se viu recentemente na Praça da Paz Celestial, na China comunista!).

“O Comunismo não é tão ruim assim porque muitos padres colaboram com ele!” (Responde o Papa Pio XII: “*O comunismo é intrinsecamente mau e não se pode admitir, em campo algum, a colaboração recíproca por parte de quem quer que pretenda salvar a civilização cristã. E se alguém, induzido em erro, cooperar para a vitória do comunismo em seu país, seria o primeiro a cair como vítima do próprio erro*” Encíclica *Divini Redemptoris*).

A fraqueza dos bons

Dizia São Pio X que a força dos maus provém da fraqueza dos bons.

Certa vez, em Turim, numa reunião de círculos católicos, se discutia por que razão os Partidos comunistas cresciam e progrediam tanto, ao passo que os Partidos católicos se enfraqueciam. Depois de muitas opiniões, um senhor, que tinha sido militante comunista e se convertera ao catolicismo, levantou-se para falar, dizendo que sabia perfeitamente e por experiência a causa daquela diferença: *“É porque nós comunistas falávamos a mentira, mas com toda a desfaçatez e coragem como se estivéssemos falando a verdade; e os católicos falam a verdade, mas com um medo terrível como se estivessem falando a mentira!”*.

Por que será que todos tem um grande receio de dizer que são de direita, enquanto os da esquerda se gloriam de dizer que o são?!

No cenário político atual, nós sabemos bem quem é de esquerda, mas quem é verdadeiramente de direita não sabemos quem o seja.

Os Partidos de esquerda são ideológicos, tem mentalidade definida, são comunistas ou socialistas definidos e assumidos. Sabemos bem o que pensam e o que querem.

Já os chamamos de direita, aliás assim intitulados pela esquerda e em proveito da esquerda, nós não sabemos quem são. Nem ideologia clara eles têm. Não sabemos o que querem ou o que pensam.

Que adianta ser anticomunista apenas para defender o próprio bolso ou os seus interesses materiais? Que adianta dizer-se direita se colaboram com o comunismo na dissolução da família, na pregação do igualitarismo, na expansão da imoralidade, na destruição de todos os valores morais cristãos? Ser assim não é ser de direita, nem anticomunista e muito menos ser católico.

Serão por acaso de direita e anticomunista os canais de televisão, capitalistas, que propagam a sensualidade, o amor livre, a ganância dos bens terrenos? Serão acaso anticomunistas e de direita esses governos que promovem a estatização e o gigantismo do Estado, fazendo, através do seu desgoverno, a melhor propaganda da esquerda?

Jamais será com essa falsa direita que se vencerá o socialismo e o comunismo e se reconstruirá a civilização cristã.

O que governa o mundo são as idéias. E a principal arma do comunismo é a difusão de suas idéias. E será através do combate a essas idéias que se construirá o verdadeiro anticomunismo.

E como o oposto do socialismo ou comunismo não é o liberalismo econômico ou o capitalismo, mas sim o catolicismo, será pela propagação das verdadeiras idéias cristãs que construiremos a direita e o anticomunismo dignos deste nome. O resto é ilusão e perda de tempo.

Política e Virtudes Cristãs

Já disse alguém que a maior das pilhérias dos cristãos é o deixar de ser cristãos quando fazem política; é colocar o seu cristianismo entre parênteses.

Parece de fato que o exercício da política se tornou a sepultura das virtudes cristãs. E isso vem acontecendo com tanta frequência e as exceções tão raras que quase ninguém tem mais confiança na política e nos políticos.

Senão, vejamos! Basta conferir algumas das virtudes cristãs.

A virtude da humildade, por exemplo, essencial ao cristianismo, é a que menos se vê na política. A humildade consiste no esquecimento de si mesmo, na ausência de egoísmo, no desprendimento, na modéstia com relação a si próprio. E o que se vê comumente no exercício da política é o contrário, é o império do “EU”: “Porque os outros são isso ou aquilo, mas ‘eu’ não...”; “porque os outros não fizeram mas Eu fiz, Eu faço, Eu farei etc.”... Exatamente a prece do fariseu do Evangelho que foi reprovado por Deus: “*Graças vos dou, ó Senhor, porque não sou como os outros homens... Eu...*”.

A virtude da pobreza, isto é, do desprendimento, do desapego dos bens materiais e do dinheiro: sua ausência dispensa demonstração. Quem é hoje o político realmente despreocupado com o próprio bolso, desejando trabalhar exclusivamente em benefício do seu próximo? Quem entrasse na política, que de si é um exercício de altruísmo, deveria sair do cargo que lhe foi confiado na mesma condição financeira que entrou. Conhece o caro leitor atualmente algum espécime raro deste tipo de político?

A virtude da honestidade em cuidar da coisa pública, a virtude da não aceção de pessoas, a virtude da caridade desinteressada, a virtude do comedimento nas palavras, o respeito pelo próximo, o

amor da verdade etc., como estão ausentes da política que nós conhecemos!!!

E o indiferentismo religioso, o liberalismo das idéias, o ceticismo? Poderíamos dizer que esses males são quase que inerentes ao sistema democrático, à eleição pelo sufrágio popular. Dada a necessidade de ser eleito pela maioria, o desejo de angariar o máximo de simpatias faz freqüentemente o político abdicar do seu compromisso com a verdade, até as mais contraditórias, e não combater firmemente nenhum erro, e inclusive a freqüentar todos os cultos possíveis, à caça de votos.

Praticada desta maneira, política se torna sinônimo de falta de caráter.

Eleitorado, povo e massa

É preciso não confundir as expressões acima, que não são sinônimas.

Às vezes se costuma dizer: “o povo quer o comunismo pois votou na esquerda”; “o povo prefere o progressismo na Igreja, o povo apóia a mudança de regime”, etc.

Mas, será verdade que o povo quer realmente ou foi induzido a querer, sem mesmo saber de fato o que está dizendo que quer?! E será que o eleitorado é o povo ou é a massa? Massa que facilmente é conduzida para um lado ou para o outro ao sabor de discursos comoventes e demagógicos que nem sempre correspondem à verdade e ao bem comum.

A História Universal relata, no drama da Paixão de Cristo, como a massa é facilmente manobrável. No Domingo de Ramos, o povo espontaneamente aclamou Jesus como seu Rei e Salvador. Cinco dias depois aquele mesmo povo, agora transformado em massa, instigado pelos Fariseus, votou majoritariamente pela crucifixação de Jesus, fazendo triunfar a injustiça sobre a justiça condenando à morte o inocente Filho de Deus. Essa maior tragédia da história humana explica bem a diferença entre eleitorado, povo e massa.

Foi o que bem analisou o Papa Pio XII na Alocução aos dirigentes do Movimento Universal pró-Confederação Mundial, em 1951: *“Por toda parte, atualmente, a vida das nações está desagregada pelo culto cego do valor numérico. O cidadão é eleitor. Mas, como tal, não é ele na realidade senão uma das unidades cujo total constitui uma maioria ou uma minoria, que o simples deslocamento de algumas vozes, quando não de uma só, basta para inverter”*.

E a distinção entre massa e povo, segundo a concepção católica, foi igualmente muito bem explicada pelo mesmo Pio XII, na Alocução de Natal de 1944: *“Povo e multidão amorfa, ou como se*

costuma dizer, massa, são dois conceitos diversos. O povo vive e se move por vida própria; a massa é por si mesma inerte e não pode ser movida senão do exterior. O povo vive da plenitude da vida dos homens que o compõem, cada um dos quais – em sua própria posição e segundo seu modo próprio – é uma pessoa cônica das respectivas responsabilidades e convicções. A massa, pelo contrário, espera o impulso do exterior, fácil joguete nas mãos de quem quer que lhe explore os instintos e as impressões, pronta a seguir, alternadamente, hoje esta bandeira e amanhã aquela. Da exuberância de vida de um verdadeiro povo a vinda se difunde, abundante, rica, no Estado e em todos os seus organismos, comunicando-lhes, com vigor incessantemente renovado, a consciência de sua própria responsabilidade, o verdadeiro sentido do bem comum”.

Que Nossa Senhora Aparecida, Padroeira do Brasil, faça com que o eleitorado brasileiro seja realmente um povo, consciente, cristão e racional, e não uma massa facilmente manobrável, um joguete em mãos estranhas, que podem nos conduzir à ruína social e ao paganismo das idéias e dos costumes.

A esquerda e a direita

Aí estão duas etiquetas largamente usadas no mundo político, religioso, artístico etc. Costumam apelidar intelectuais de esquerda (“que honra”), políticos de direita (“que horror”), e assim por diante. Mas, na verdade, direita e esquerda são termos nebulosos, equívocos, geradores de confusão.

A própria distinção entre direita e esquerda é geralmente iniciativa da esquerda, tomada pela esquerda em proveito da esquerda.

Existe uma direita, muito temerosa de sê-lo, com muito receio de ser chamada de direita. Por isso mesmo costuma se intitular a si própria de “centro”, ou talvez “centro direita”, tal é o pavor que inspira o termo “direita”.

Costumam aureolar – e geralmente é a esquerda que o faz – o conceito de esquerda com certa simpatia. Ser de esquerda é ser aberto, favorável ao progresso, com uma moral mais moderna, mais jovem, científico, anti-ditatorial, mais democrático.

Agora, ser de direita, para essa mentalidade fabricada, é ser radical, totalitário, ditatorial, autoritário, militarista, antiprogressista, fascista, nazista etc.

Tais são os rótulos, criados pela esquerda e em proveito da esquerda. O interessante é que a esquerda se designa a si mesma e a direita é designada pela esquerda. É da “direita” aquele que a esquerda designa ou denuncia como tal. E ela empurra para a direita, por tática, pessoas e movimentos que de direita nada têm. É a esquerda que lança o jogo “esquerda contra a direita” e fixa as regras do jogo.

Que grande festa! Lançam para a direita o ex-socialista Mussolini. Representam a Hitler, demagogo socialista e revolucionário, como a um homem de direita. Como a um homem

de direita a Charles de Gaulle, que chegou ao poder em 1944 com os comunistas e governando com eles.

Outra mentira é dizer que o ditatorialismo seja nota característica da direita. O comunismo sempre foi ditatorial e se define a si mesmo como “ditadura do proletariado”. Fidel Castro é esquerdista e ditador. Gorbachev, Deng, Cíao Ping, Daniel Ortega etc. são ditadores e são de esquerda. Esquerda é que é sinônimo de ditadura e totalitarismo e não a direita como querem nos fazer crer.

Também não é verdade que o militarismo seja sempre de direita. Fidel, Mao, Stalin, Daniel Ortega só se apresentam, ou se apresentavam, fardados.

Outro equívoco fabricado pela esquerda é designar os regimes nazista e fascista como direitistas. E até os colocam como “extrema direita”! Mas, na verdade, nazismo e fascismo estatizaram a economia e a educação, portanto com todas as características da esquerda.

Celebrando uma tragédia

Amanhã se comemora o bicentenário da queda da Bastilha, marco escolhido para a celebração da Revolução Francesa.

Esta Revolução se revelou o fruto de um turbilhão de idéias e o início de uma outra época da história universal. Foi o desembocar de um longo período de idéias anti-cristãs e o nascimento de uma sociedade organizada na independência de Deus.

14 de Julho é só uma data simbólica. De há muito que a sociedade vinha fermentando com o Nominalismo, o Subjetivismo, a Renascença que idolatrava o paganismo, o Iluminismo que divinizava a razão emancipando o homem de Deus. E os enciclopedistas haviam vulgarizado esses princípios racionalistas, solapando os fundamentos da fé.

Assim preparada a sociedade, compreende-se a “revolta furiosa e fanática contra o trono e o altar, considerados infames”, que é realmente a melhor definição da Revolução Francesa. E como o homem não consegue viver sem Deus, no lugar do Deus verdadeiro puseram a deusa “Razão”, que bem se poderia intitular “irracional”, quando se considera os sacrilégios e os massacres que ela inspirou.

Interessante notar que as novas moedas de 10 francos evocam Lúcifer, brandindo com a mão esquerda uma tocha flamejante e cerrando a mão direita em sinal de revolta e de ódio. Simbólico, não?!

Liberdade – Igualdade – Fraternidade, Direitos do homem! Belas palavras em encobriram grandes crimes, demonstrando de que o homem é capaz quando se revolta contra Deus: Libertinagem – Anarquia – Fratricídio.

“Liberdade, quantos crimes se cometem em teu nome!”, exclamou Madame Roland ao subir os degraus da guilhotina.

A Igualdade gerou a população e a destruição de tudo o que lembrasse a mentalidade cristã, programando outrossim o totalitarismo, com uma lógica e ideologia exterminadoras.

E a Fraternidade sem Deus aplicava a pena de morte em 24 horas e fazia a guilhotina funcionar sem interrupção.

Quando Lavoisier, um dos maiores sábios do século XVIII e um dos fundadores da química moderna, também ele condenado à guilhotina, pediu que lhe fosse adiada a execução para concluir um trabalho científico, responderam-lhe: “*A República não precisa de sábios*” (Joaquim Silva, H. Geral, p. 141).

Assim, não foi sem motivo que a memória desta Revolução sanguinária foi exaltada por todos os grandes ditadores e massacradores da história contemporânea: Lênin, Trotski, Hitler e Mao-Tse-tung.

Vamos ficar nesta companhia ou vamos imitar os verdadeiros católicos franceses que promoverão cerimônias consagradas a desagrar a Deus pelas blasfêmias e sacrilégios da Revolução e a reparar a memória de milhões de pessoas exterminadas pela Revolução Francesa e pelas revoluções bolchevista e nazista, suas filhas conseqüentes?!

Bicentenário da Revolução Francesa

1789-1989: duzentos anos faz deste acontecimento que marcou profundamente a história moderna e contemporânea.

Cerimônias oficiais se programam, passeios turísticos se organizam, para comemorar tal acontecimento e celebrar seus benefícios à humanidade. Mas será que houve realmente benefícios, ou esses apenas encobrem a terrível tragédia e desgraça que foi para o mundo a Revolução Francesa?

Quando não nos contentamos apenas com as aparências e se estuda a fundo a Revolução Francesa, ficamos estupefatos diante do espírito demolidor, anti-cristão e satânico que animaram estes anos de 1789 a 1795. A Revolução foi um vasto empreendimento premeditado de descristianização e de hostilidade ao Reinado social de Cristo Rei e de sua Igreja. E os dois séculos que se seguiram continuaram esta obra nefasta: revolta contra Deus e contra os verdadeiros direitos do homem.

A Revolução Francesa não é uma mudança de regime, substituição do regime monárquico pelo regime republicano: tanto os revolucionários como os católicos estão de acordo em dizer que a Revolução de 1789 é outra coisa. Joseph de Maistre já dizia que a Revolução não foi um acontecimento mas uma época. Mons. Freppel a definia assim: *“Ela é uma doutrina, ou, se se preferir, um conjunto de doutrinas, em matéria religiosa, filosófica, política, social. Eis o que lhe dá seu verdadeiro alcance e é sob este prisma que convém julgá-la em si mesma e na sua influência sobre a marcha da civilização”*.

E qual é o essencial destas doutrinas? Responde o douto Mons. Gaume: *“A Revolução é o ódio de toda ordem social que o homem não estabeleceu e na qual ele não é rei e deus ao mesmo tempo. Ela é a proclamação dos direitos do homem sem preocupação com os direitos de Deus. É a fundação do estado religiosa e social sobre a*

vontade do homem no lugar da vontade de Deus. Ela é a Revolução, quer dizer, destruição, desordem”.

Em outros termos, a Revolução é uma revolta contra Deus e contra Jesus Cristo. Em conseqüência, é revolta contra a Igreja, contra seus ministros, contra o Rei. Como disse o Cardeal Pie, ela tende “*para uma completa secularização, isto é, para uma ruptura absoluta entre a sociedade leiga e o princípio cristão*”.

Por isso, a Revolução Francesa assassinou o Rei, fechou as ordens monásticas, matou na guilhotina milhares de sacerdotes e cristãos e todos os que não aceitaram suas idéias revolucionárias (e tudo isso em nome da liberdade, igualdade e fraternidade!), profanou as igrejas, aboliu o culto católico e estabeleceu o culto da liberdade, da deusa Razão e dos direitos do homem.

E porque ela não foi apenas um acontecimento passado mas um certo estado de espírito, uma doutrina ainda presente nos espíritos e instituições, o combate continua ainda entre a verdadeira Igreja e a Revolução.

O outro lado da história

A brilhante conferência da Prof^a Helena Rodriguez, da Aliança Francesa do Rio de Janeiro, sobre o Bicentenário da Revolução Francesa, foi altamente esclarecedora, pois, baseando-se em documentos historicamente comprovados e universalmente aceitos, até pelos defensores da revolução de 1789, provou que a versão elogiosa que costumam dar à Revolução Francesa é unilateral, sendo necessário focar o outro lado, perverso, terrorista, demolidor, anti-social e anti-cristão que infelizmente foi o lado predominante.

Com efeito, pouca gente sabe que, na verdade, a Revolução Francesa foi, economicamente, a maior bancarrota de toda a história da França. Os bônus perderam 99% do valor; a produção agrícola caiu de 20% e a produção industrial em 40%; o comércio exterior ficou em queda livre por 35 anos.

Na parte educacional, ela foi sinônimo de destruição da escola na França, sendo preciso esperar o começo do século XX para atingir o número de estabelecimentos escolares de 1788! Aliás, seguindo os preceitos de J.J. Rousseau, seu inspirador, a Revolução Francesa pretendeu destruir todas as comunidades naturais e todos os corpos intermediários: a família, a escola etc.

No campo artístico, deixou o saldo de milhares de obras de arte destruídas em toda a França. O seu ódio pelo passado e especialmente pela mentalidade cristã foi tal que desejou suprimir toda lembrança, todo testemunho, seja em mármore, pedra, bronze, tela ou tapeçaria. Cidade inteiras, igrejas e castelos com suas obras de arte, foram arrasadas. Nem os vândalos cometeram tantos horrores.

Do lado humanitário, o resultado foram 600.000 mortos de guerra civil mais 400.000 de guerra estrangeira. Aniquilamento de dezenas de aldeias cujas populações foram queimadas vivas nas igrejas incendiadas. Matanças e massacres de milhares e milhares

de homens, mulheres e crianças, acompanhados de inovações estranhas, tais como costumes de pele de pessoas e fundição de gordura humana.

No plano social, a Revolução Francesa teve como primeira consequência entregar o trabalhador sem defesa à exploração de patrões, pois a lei Le Chapelier interditou totalmente a liberdade de associação; assim o operário francês proletarizou-se, e foi preciso esperar as organizações da direita legitimista e das entidades católicas para ver renascer o direito do trabalho e voltar a lei da justiça e solidariedade.

No campo religioso, além dos 75% das igrejas destruídas em Paris, os massacres de setembro, a matança sistemática na guilhotina de milhares de padres e freiras, a deportação de milhares de outros, o massacre da Vendéia etc., vêm dar razão ao historiador francês contemporâneo François Brigneau que escreveu: *“O motor nº 1 da Revolução foi a destruição da Igreja Católica Romana e a exterminação, o genocídio dos católicos franceses”*.

No terreno político, o Governo revolucionário organizou oficialmente o terror e programou o totalitarismo, assumindo desde o seu início uma ideologia e uma lógica exterminadora.

E diante de tudo isso perguntamos: Com o Te Deum em Notre Dame, dia 14 de Julho, os progressistas querem comemorar o quê?! As festas programadas pelo Governo francês irão festejar o quê?!

Perestroika

No dia 30 de Junho do ano passado mesmo dia em que o Vaticano anunciou a excomunhão dos Bispos tradicionais, o Papa João Paulo II declarou aos jornalistas soviéticos em Roma que a Perestroika (reestruturação) ora desenvolvida na URSS corresponde “*não somente às expectativas dos países ocidentais, mas igualmente à doutrina social da Igreja*” (AFP, Reuter, AP, Corriere della Sera, Il Giorno, 10/07/88).

No mesmo dia, Mikhail Gorbachev explicava que “*o fim da Perestroika é restaurar teórica e praticamente a concepção leninista do socialismo*” (Le Fígaro, 01/07/88).

No seu livro “Perestroika – novas idéias para o meu país e o mundo”, Gorbachev foi muito sincero e claro ao expor o que pretende e o que pensa de sua Perestroika: “*Dar ao socialismo as forças de organização social mais modernas... A essência da Perestroika está no fato de que... revive o conceito leninista de construção socialista na teoria e na prática... Gostaria de salientar mais uma vez que estamos conduzindo todas as reformas de acordo com a opção socialista. Buscamos no socialismo, não fora dele, a resposta a todas as perguntas que surgem... Aqueles que esperam que nos afastemos desse caminho ficarão muito desapontados... Seguiremos para um socialismo melhor em vez de nos afastarmos dele. Dizemos isso com honestidade, sem tentar enganar nosso próprio povo e o mundo. Todas as esperanças de que passaremos para o outro lado, são irrealistas e fúteis. Aqueles que no Ocidente esperam que desistamos do socialismo vão ficar desapontados. É preciso que entendam isso e, ainda mais, que partam desse entendimento nas relações práticas com a URSS*” (Editora Best Seller, pág. 37-39).

E, ratificando bem sua inquebrantável adesão aos conceitos e aos fins que pretende na URSS, Gorbachev, em seu discurso de três horas pronunciado a 2 de Novembro de 1987, no 70º aniversário da

revolução bolchevista, assim se exprimiu: “*Em Outubro de 1917, nos apartamos do velho mundo, rechaçando-o de uma vez por todas. Estamos nos movendo para um novo mundo, o mundo do comunismo. E nunca nos apartaremos desse caminho*”.

A doutrina católica sobre o comunismo e socialismo, expressa especialmente nas encíclicas dos Papas de Leão XIII a Pio XII, resume-se nestas palavras de Pio XI: “*Se este erro, como todos os mais, encerra algo de verdade, o que os Sumos Pontífices nunca negaram, funda-se contudo uma concepção da sociedade humana diametralmente oposta à verdadeira doutrina católica. Socialismo religioso, socialismo católico são termos contraditórios: ninguém pode ser ao mesmo tempo bom católico e verdadeiro socialista*” (Encíclica Quadragésimo anno); “*Velai, Veneráveis irmãos, por que se não deixem iludir os fiéis. O Comunismo é intrinsecamente mau, e não se pode admitir, em campo algum, a colaboração recíproca, por parte de quem quer que pretenda salvar a civilização cristã*” (Enc. Div. Redempt.).

Aqueles que não fizeram voto de imbecilidade mental ou de cegueira espiritual voluntário têm liberdade de comparação e análise dos textos de João Paulo II, Gorbachev e Pio XI.

Raciocinem, por favor!

Será que em nosso país está para se cumprir a predição de Nossa Senhora de Fátima em Julho de 1917: “*Se não atenderem aos meus pedidos, a Rússia espalhará seus erros pelo mundo*”? O erro da Rússia, todos sabem, é o comunismo. E essa profecia vem se realizando assustadoramente: o comunismo vai penetrando cada dia em mais países, em alguns pela invasão, em outros pelas eleições, manobrando demagogicamente a massa popular, e em todos pela divulgação de suas idéias nas faculdades, nos Sindicatos etc.

O exemplo mais conhecido, e bem perto de nós, da expansão do comunismo, é Cuba, onde o ditador barbudo Fidel Castro há décadas oprime o povo cubano.

O surpreendente da Revolução Cubana é que ela teve para a sua vitória a colaboração entusiasta de católicos, animados por padres católicos.

Aproveitando-se da vontade geral de mudar e acabar com os desmandos de um regime corrupto, os comunistas implantaram, com a ajuda da massa bestificada e o apoio dos padres, um regime de escravidão muito pior, sob a bota de um ditador barbudo submisso à Moscou. E como o povo se arrependeu depois! Mas era tarde!

O balanço neste Governo marxista de cuba, segundo revistas internacionais, é o seguinte:

25.600 pessoas fuziladas – 75.000 anti-comunistas presos – 1 milhão de exilados – Indústria: confiscada e inteiramente nas mãos do Estado – Direitos operários suprimidos totalmente e proibidas as demandas de melhorias de salários – racionamento de víveres, roupas e medicamentos – Religião: o ateísmo é obrigatório nas escolas – supressão das eleições e ditadura vitalícia em todos os postos executivos – instalada rede de “vigilância ideológica” deixando temerosa a população – Imprensa: proibida toda a forma

de expressão não comunista – Economia: dependência financeira dos países comunistas em troca de quase toda a sua produção de açúcar e metais.

Agora eis o que diz do regime do barbudo cubano o candidato do PT Luís Inácio Lula da Silva: *“Cuba se converteu num exemplo para a América Latina e para o Terceiro Mundo, pela solidez da sociedade que constrói, pelo nível de vida e dignidade que alcançou seu povo”*. Lula ressaltou ainda *“os excelentes laços de amizade que existem entre o Partido dos Trabalhadores e o Partido Comunista de Cuba, pela coincidência dos pontos de vista que sustentam”* (Jornal Granma, órgão oficial do PC Cubano, 12/01/89).

Um outro 7º mandamento

Este é o título de uma notícia publicada pelo Jornal do Brasil de 28/07/89, denunciando erros que circulam em meios católicos. Diz o J.B.: *“Deus abençoa e legitima o roubo feito pelos pobres! A frase foi escrita e publicada pelo padre católico Ivo Storniolo no boletim litúrgico ‘O Domingo’ da Pia Sociedade de São Paulo... dona das Edições Paulinas... Outra parte do texto afirma que o roubo é legitimado ‘por um sistema que tem sua base no lucro, que é roubo puro’. ‘Nós revisamos, pensamos e achamos que não tinha nada contra a Bíblia’ afirmou o redator-chefe da publicação, padre Vigílio Ciaccio, defendendo o padre colunista”*. Até aqui a notícia do J.B.

Marx e Proudhon encontraram bons e efetivos aliados, na própria Igreja! Vão assim metamorfoseando, para não dizer abolindo, o 7º mandamento da Lei de Deus, “não furtar”.

E este semanário “O Domingo” é publicado pelas Edições Paulinas com tiragem de um milhão e 600 mil exemplares, distribuídos por quase todas as igrejas do país para subsidiar as missas dominicais. E não é a primeira vez que publica doutrinas espúrias.

O folheto catequético sobre a Missa (Missa o que é?) da Prelazia de São Félix do Araguaia, onde pontifica o “monsenhor martelo e foice” Dom Pedro Casaldáliga, depois de dessacralizar a Missa e transformá-la numa reunião que mais parece assembléia de sindicato operário, termina dizendo que “ir à missa também não é obrigação”. Assim vão abolindo o 3º mandamento da Lei de Deus e o 1º da Igreja.

Bem, o 6º Mandamento da Lei de Deus, o da pureza, já que há muito que o deram por abolido. Nos cursos de noivos chagam a ensinar que relações pré-matrimoniais não são pecado, desde que haja amor. E as piadas indecentes correm soltas. Aliás, desde o

tempo dos cursilhos, as piadas nestes ambientes, não são nada recomendáveis.

Já não bastam os erros dogmáticos. Os progressistas vêm abolindo também os Mandamentos.

Tudo isso caracteriza a criação de uma nova religião que não a católica. Os que defendem tais posições não podem ser considerados católicos.

E não é para estranhar que tais pessoas condenem e persigam aqueles que querem ser fiéis à tradição dogmática e moral da Santa Igreja.

É bom lembrar que o Concílio Vaticano I define que o Espírito Santo não foi dado à Igreja para que “pregasse uma nova doutrina, mas para que, com sua assistência, conservassem santamente e expusessem fielmente o depósito da Fé, ou seja, a revelação herdada dos Apóstolos”.

De que lado está a Igreja?

No emaranhado de opiniões, idéias, partidos e movimentos hodiernos, nada esclarecedores, pergunta-se ansiosamente de que lado está a Igreja.

Há padres hoje, e bispos até, que defendem os partidos de esquerda, chegando a ponto de apresentá-los como os únicos confiáveis. Há os que propugnam a luta de classes, a reforma agrária socialista, a invasão de terras alheias, propondo como modelos os países comunistas. É essa afinal a posição da Igreja?

Nós respondemos categoricamente: não! A posição da Igreja não é constituída pelas idéias desta ou daquela personagem eclesiástica, seja ela qual for, mas sim pela tradição doutrinária que nos foi legada por Nosso Senhor, pelos Apóstolos e enriquecida pelo ensinamento dos Papas, Concílios, Santos e Doutores da Igreja.

E esse ensinamento perene defende a propriedade privada, condena o comunismo, o socialismo, a luta de classes, prega as virtudes cristãs da justiça e da caridade, ensina que amar os pobres não é odiar os ricos, promovendo assim através da prática de uma moral sadia a verdadeira harmonia e felicidade social.

Analistas políticos têm apresentado como uma das causas – e não desprezível – para o crescimento da esquerda em nossa pátria o apoio da Igreja progressista. Muitos dos atuais militantes esquerdistas são frutos das comunidades eclesiais de base.

Não nos iludamos. Desconfiemos dos discursos demagógicos que, através de propostas humanitárias e aparentemente cristãs, terminam afinal na luta de classes, na agitação, no igualitarismo e no materialismo ateu com a mais completa negação de Deus e da mentalidade cristã.

É hora de tirar da estante as encíclicas de Leão XIII e Pio XI sobre a questão social, que refletem com precisão a doutrina da

Igreja e são leitura utilíssima e esclarecedora na atual conjuntura religiosa.

A solução para o problema social não está no socialismo ou comunismo, mas sim na prática da justiça e caridade, com a formação da verdadeira consciência cristã, alicerce da verdadeira ordem social.

Um grande equívoco

A história é mestra da vida. E os erros do passado nos ajudam a evitar os fracassos futuros.

Segundo declarações dos Padres cubanos, a revolução de Fidel Castro teve, no seu início e durante todo o período mais duro da conquista do poder, a colaboração franca, corajosa e entusiasta de católicos. A maioria dos guerrilheiros de Sierra Maestra era constituída de católicos, que lutavam com o rosário na mão, animados e acompanhados por Padres católicos.

Por que os católicos colaboram com a implantação de um regime comunista anti-cristão? Porque, iludidos pelas aparências, caíram num grave equívoco. Na aparência, os católicos e os comunistas tinham o mesmo objetivo: libertar a pátria de um governo tirânico. Mas na verdade, enquanto os católicos desejavam acabar com os desmandos de um regime corrupto, os Fidel-castristas queriam sim, aproveitando-se daquela situação, implantar um outro regime, mais tirânico ainda, no qual seriam os donos de uma nação escravizada, subordinada a Moscou. Os comunistas de então, como fazem os de agora, exploravam as injustiças que havia e lamentavam os desmandos, angariando assim a adesão de muita gente de reta intenção. E terminavam por apresentar o comunismo como solução para os problemas e erros, não declarando, porém, que ele é uma escravidão e tirania muito pior. E foi assim que um país de imensa maioria católica caiu sob a dominação do comunismo.

Nosso Senhor ordenou que aliássemos a simplicidade da pomba à prudência da serpente. Tenhamos cuidado com os que se aproveitam de situações adversas para apresentar o comunismo e o socialismo como solução. O engodo é sempre o mesmo: a luta contra a miséria e a injustiça, que realmente existem, e cujo combate comove todas as pessoas de bem. E assim, essas pessoas de boa fé, não vendo que por detrás de considerações humanitárias há um fim perverso, acabam dando a sua colaboração para a

implantação do regime comunista que, ao invés de corrigir os abusos, se constituirá na mais tremenda ditadura e tirania.

A questão fundiária

No interessante debate promovido esta semana pela área de estudos sociais e pelo grêmio Nilo Peçanha da Escola Técnica Federal de Campos, do qual tivemos a honra de participar, procuramos expor a posição tradicional da Igreja a respeito desta polêmica questão.

Na abertura, lembramos um princípio dado pelo Papa Leão XIII, o Papa dos operários, de que não há solução para os problemas sociais e econômicos sem o concurso das virtudes morais e religiosas. Os problemas econômicos em geral não são só econômicos, são sobretudo morais. Daí a necessidade de soluções morais.

E a Igreja intervém nesta questão fundiária como guarda da Lei Natural, da Moral e da Paz entre os povos, lembrada do seu fim sobrenatural, da missão que lhe foi confiada por seu Divino Fundador de encaminhar todos os homens à salvação.

E é dirigindo-os à salvação que a Igreja promove a paz e a harmonia na sociedade, como bem o disse Montesquieu: *“Coisa admirável, a religião cristã que parece não ter outro objeto que a felicidade do outro mundo, faz entretanto a nossa felicidade neste”*.

E a doutrina cristã ensina que a paz não virá da igualdade absoluta de uma sociedade sem classes, mas da cooperação fraternalmente cristã de classes sociais dispostas hierarquicamente de modo proporcional e harmônico.

Por isso a Igreja não prega a luta de classes mas o convívio harmônico entre as diferentes classes sociais por meio da fraternidade, justiça e caridade cristãs, que assim diminuirão a distância entre essas classes.

Optar pelos pobres não significa promover a luta dos pobres contra os ricos. Velar pelos pobres não quer dizer destruir o rico,

mas ajudar o pobre a se defender contra os abusos do poder que eles venham a cometer.

Por conseguinte, não se resolve a questão social com doutrinas fundadas no puro materialismo e na cobiça desenfreada dos bens terrenos, prescindindo do nosso fim último ultra-terreno. Seria ilusão.

Nosso Senhor não pregou o igualitarismo entre as classes sociais mas a compreensão e a harmonia entre elas, temperadas as diferenças pela justiça e caridade. Foi assim que no presépio de Jesus estiveram presentes os pobres, os pastores, e os ricos, os Reis Magos. Mas Jesus não mandou os pastores invadirem os tesouros dos Reis Magos, nem os incitou à inveja ou à cobiça. Todos ali humildemente adoravam o Deus Menino que de rico se fez pobre para nos ensinar a não colocar o nosso coração nas riquezas deste mundo.

Reforma agrária – reflexões

A Igreja como guardiã da Lei Natural e da Lei Positiva de Deus, defende o direito de propriedade, como aliás o defende também a nossa Carta Magna. O 7º Mandamento da Lei de Deus “Não furtar”, supõe evidentemente que cada um tenha o direito de possuir o que é seu. Verdade reafirmada no 10º Mandamento: “*Não cobiçarás a mulher do teu próximo, nem a sua casa, nem o seu campo... nem o seu boi... nem coisa alguma que lhe pertença*” (Dt. 5, 21).

Ademais, a Bíblia narra que os Patriarcas possuíam grandes propriedades com a bênção de Deus; por exemplo, Abraão, Lot e Jó.

Assim, a Reforma Agrária compulsória, de estilo socialista e confiscatório, não encontra respaldo na doutrina cristã e na Lei de Deus.

Além disso, apresentar a Reforma Agrária como solução para os problemas sociais é mera ilusão. O meio universal de prover às necessidades da vida é o trabalho, quer se exerça em terreno próprio quer no alheio. Por isso a Igreja advoga que haja trabalho remunerado com justiça. E o justo salário, que a doutrina católica ensina e com o qual onera a consciência dos patrões, é o salário que seja suficiente para o sustento do trabalhador e de sua família e lhe dê condições de formar um modesto pecúlio que lhe ofereça tranquilidade no futuro.

Mas o trabalho não é só trabalho manual. Também o trabalho intelectual, técnico, administrativo, do proprietário por exemplo, é trabalho e deve ser defendido e bem remunerado.

Outrossim a Reforma Agrária confiscatória e fragmentadora até hoje não deu certo em parte alguma. Estão aí os exemplos de Cuba, El Salvador e do México, onde tiveram que vender os minifúndios distribuídos para aglutiná-los novamente porque a produção se transformara num fracasso. Ademais a insegurança e inquietação provocadas pelo espectro da Reforma Agrária conduz à queda de

produção, cujo saldo é a fome, sem falar no recrudescimento da luta de classes, com mortos e feridos cujas notícias encham nossos jornais.

Ao invés da Reforma Agrária que só traria prejuízos, o que o Brasil precisa é de uma política agrária, uma verdadeira reforma agrícola, baseada na função subsidiária do Estado, com maior assistência ao homem do campo, técnica e financeiramente, revisão da legislação trabalhista tornando-a igualmente justa para patrões e empregados; maior segurança aos pequenos e médios proprietários; maior difusão da parceria e do colonato; maior fixação do trabalhador na terra, propiciando melhor atendimento sanitário, hospitalar e educacional dos proprietários aos seus colonos e suas famílias, resolvendo assim em grande parte o problema dos bóias-frias; incentivo ao cooperativismo baseado na livre iniciativa e no direito de propriedade; tudo isso impregnado da verdadeira caridade e fraternidade cristãs.

O antigo e o novo na educação

Nem tudo o que é antigo é ultrapassado, como nem tudo o que é novo é sinal de progresso. Ou, por outras palavras, nem tudo o que é velho é inadequado e nem tudo o que é novidade é realmente proveitoso.

Essa norma, de aplicação prática em inúmeros campos da atividade humana, vale sobretudo para a educação. Porque, na ojeriza pelo passado e na ânsia pelas novidades, se cometeram muitos atropelos de desastrosas conseqüências.

Até onde, por exemplo, a louca rapidez de locomoção da vida moderna foi realmente progresso? Ou foi um progresso caro demais, física e psicologicamente falando?

O asfaltamento das ruas foi um progresso em relação aos paralelepípedos. Mas depois tiveram que criar os quebra-molas, retrocesso odioso e necessário. Isso porque as paixões humanas não ficam naturalmente dentro dos devidos limites, nem o homem é naturalmente bem educado e comportado após a perda da justiça original.

Será que foi realmente um progresso a substituição da tabuada decorada pela calculadora eletrônica? O fato é que os alunos modernos não sabem mais fazer contas.

Será que foi realmente construtiva a substituição dos jogos de botão, dos carrinhos puxados a barbante e do pular corda, pelos vídeo-games, flippers e bonecos eletrônicos?! Ou será que não estamos criando uma infância neurótica e desequilibrada?

E o império despótico e absolutista da televisão? Não tem sido ela a grande causadora da preguiça intelectual e da falta de atenção dos alunos e destruidora do sadio hábito da leitura?

E a liberdade, tão decantada na moderna pedagogia! Não há palavra tão cheia de ambigüidade e ciladas! “*Liberdade, liberdade,*

quantos crimes se cometem em teu nome!”, exclamou Mme. Rolland, antes sua grande defensora, ao subir os degraus da guilhotina na Revolução Francesa.

Entre o rigor da palmatória e do caroço de milho, - lamentáveis, é claro, - e a atual indisciplina dos alunos, que entram e saem quando querem, não respeitam os professores e não são cobrados em nada, há o correto meio termo do respeito com amor, da ordem e da hierarquia altamente educativos.

Na minha escola, os alunos ainda se levantam quando entra o professor ou chega uma visita. Será isso ultrapassado? Seria mais moderno se eles continuassem sentados e até com os pés sobre as carteiras e o professor lhes desse aula sentado sobre a mesa, fumando?

São realmente frutuoso os modernos sistemas educacionais que, apelando para uma pretendida autonomia e ilimitada liberdade da criança, diminuem ou suprimem, até, a autoridade e a ação do educador, transformando-o num mero gerenciador de pesquisas e informações?

Será ultrapassado ensinar as virtudes cristãs da humildade, lealdade, respeito e amor ao próximo, que foram a base da verdadeira educação?

Fica aberto o debate. Com a palavra os educadores, aos quais aproveito para deixar o meu elogio pelo árduo trabalho, pois educação tem um sinônimo: paciência.

No mundo das idéias

Não estou falando do “mundo das idéias” de Platão, que, segundo ele, ficava na Lua. O mundo da Lua. Não. Pretendo falar das idéias aqui e agora, no nosso mundo sublunar, terrestre, terra-a-terra, mundo dos homens, mundo científico, tecnológico, filosófico, político, social, familiar, o mundo das almas...

Afinal, o que governa todo esse mundo? Seria a força física, atlética, ou a força industrial, bélica, política etc.? Não! O que governa o mundo são as idéias. Só as idéias. O resto é consequência.

São as idéias que fazem o herói ou o fanático, um construtor ou um revolucionário, um cristão ou um herege, um educador ou um manipulador, um homem ou um mostro. As ações, no início, podem até ser semelhantes, mas as idéias é que fazem a diferença, e as consequências mais ainda.

Idéias postas como meta e princípio de ação chamam-se ideais.

Foram idéias de “pão e circo” que fizeram a decadência do império Romano, assim como o ideal de disciplina e austeridade haviam feito a sua grandeza.

Os ideais cristãos transformaram os bárbaros violentos e destruidores em pacíficos e ordeiros agricultores e construtores das grandes catedrais góticas da Europa que ainda hoje encantam o mundo.

Idéias de grandeza e puritanismo da raça fizeram Hitler e o nazismo.

Idéias igualitárias, materialistas e atéias de Marx, Hegel e Feuerbach geraram o comunismo.

Idéias fanáticas geram hoje os homens-bomba do Oriente Médio.

Porque as idéias não permanecem na cabeça ou no escritório. Elas descem às ruas e praças. Elas têm conseqüências sociais.

Idéias igualitárias e libertárias da Revolução Francesa terminaram no “Terror”: 1 milhão de mortos.

As idéias de Marx foram levadas à prática por Lênin e à instalação do Comunismo: 100 milhões de mortos.

É óbvio: se eu tenho como rota da vida a idéia materialista de que o homem é apenas 70 Kg de carne e osso, e que não existe alma nem Deus remunerador, o que me impediria de satisfazer todas as minhas paixões, ainda que a custa da destruição do meu próximo?!

Portanto, educadores, atenção às idéias! Formemos idéias sadias. O resto é superficialidade.

Educação sem convicções é formalismo.

Disciplina apenas sob vigilância é militarismo.

Imposição sem ideal é autoritarismo.

Idéias são sementes que frutificam nas ações. Formemos jovens com ideais sadios.

Quem semeia ventos colherá tempestades.

Quem cultiva boas idéias colherá boas ações. E ajudará a construir este mundo. De idéias e de ideais, grandes e nobres.

Um mundo melhor.

“A favor” e “contra” na educação

Sem ser simplesmente “do contra” ou ser “concordino”, é preciso muitas vezes definir-se entre uma ou outra posição, sem medo de desagradar ou perder o “eleitorado”, pois o nosso compromisso deve ser somente com a verdade.

Sendo assim, colocando as cartas na mesa, lá vão as minhas simples opiniões, as quais, como não sou fanático, poderão ser modificadas, caso me provem o contrário.

Sou a favor da escola disciplinada e sou contra a escola repressiva.

Sou a favor de uma educação atualizada, que adapta os valores perenes às circunstâncias presentes, e contra uma educação modernizada, que rejeita os valores tradicionais.

Sou a favor do ensino participado, mas sou contra o ensino relativista, composto apenas de pesquisas de opinião.

Sou a favor da escola que mantém a autoridade e sou contra a escola absolutista e despótica.

Sou a favor da hierarquia e contra a anarquia.

Sou a favor da participação dos pais na escola e contra a ingerência deles na alçada administrativa escolar.

Sou a favor do professor amigo e paterno e contra o professor piegas e paternalista.

Sou a favor do professor-mestre e contra o professor-aluno.

Sou a favor da compreensão e humildade do mestre e contra o seu nivelamento e rebaixamento.

Sou a favor do aluno ativo e esperto e contra o aluno altivo e revolucionário.

Sou a favor da memorização e contra a “decoreba”.

Sou a favor do rigor e da correção e contra o rigorismo.

Sou a favor da liberdade e contra a libertinagem.

Sou a favor da educação sexual individual e familiar e contra a educação sexual coletiva.

Sou a favor da educação sexual preventiva e orientadora e contra a meramente informativa e, por isso, aliciante da curiosidade.

Sou a favor do computador e contra o excesso do “vídeo-game”.

Sou a favor da espontaneidade e contra a bagunça e a desordem.

Sou a favor da obediência e contra a subserviência.

Sou a favor da convicção e contra a mera imposição.

Sou a favor da música e contra o barulho (mesmo quando o chamam de música).

Sou a favor do esporte e contra o culto do corpo.

Sou a favor da linguagem correta e contra o pedantismo.

Sou a favor da verdadeira liberdade e contra o modismo.

Sou a favor da moral e contra o moralismo.

Sou a favor criança-criança e contra a criança-adulto.

Sou a favor da emulação e contra a premiação dos relaxados.

Sou a favor da tradição e do progresso e contra o amor ao antigo por ser antigo e do novo por ser novo.

Sou a favor do belo e da arte e contra o culto do feio.

Sou a favor da ética e do espírito corporativista e contra a formação de cartel e da máfia.

Sou a favor do Estado e contra a “estatolatria”.

Sou a favor da abertura de mercado mas contra o mercantilismo.

Sou a favor da política mas contra a politicagem.

Sou a favor da harmonia social mas contra a luta de classes.

Sou a favor da informação mas contra a massificação.

Sou a favor do ideal mas contra as idéias fixas.

Sou a favor do heroísmo mas contra o fanatismo.

E você, caro amigo? Não é a favor nem contra, antes pelo contrário?!

Os direitos da criança

“Máxima debetur puero reverentia”: o máximo respeito se deve à criança, diziam os romanos.

Nosso Senhor no Evangelho exige o maior respeito às crianças a ponto de dizer: *“E quem escandalizar (quer dizer, levar ao pecado) um destes pequeninos que crêem, a esse seria melhor que lhe pusessem ao pescoço a pedra de um moinho e o lançassem ao mar... guardai-vos de desprezar alguns desses pequeninos, porque eu vos digo que os seus anjos no céu contemplam sem cessar a face de meu Pai que está nos céus”* (Mt 18, 6 e 10).

Portanto a criança tem seus direitos sagrados, assegurados pela lei natural e pelo Evangelho.

Primeiramente toda criança tem o direito à vida. O aborto é um crime hediondo, um bárbaro assassinato de uma vítima inocente e sem meios de defesa. Dizer que o aborto é um direito da mulher é um desrespeito ao direito da criança à vida. Afirmar que a mulher tem direito a fazer aborto porque é dona de seu corpo é um disparate anticristão e anticientífico, pois a criança não é um apêndice do corpo da mulher: é uma outra pessoa humana, com sua genética completa e independente da mãe, apenas nela se desenvolvendo. Por isso o aborto equivale a um infanticídio.

Toda criança tem o direito de receber a graça de Deus pelo Batismo.

Toda criança tem o direito de receber uma educação física, intelectual, moral e religiosa, de acordo com a lei de Deus.

Toda criança tem o direito, defendido por Jesus no Evangelho, de viver na graça de Deus e por isso não ser conduzida ao pecado.

Toda criança tem o direito de viver em um ambiente sadio que favoreça a prática da virtude e crie empecilho à prática do vício.

Toda criança tem o direito de ter uma família bem constituída: um lar onde possa se desenvolver física e espiritualmente, com alegria de viver.

Toda criança tem o direito a não ter o seu lar substituído pelo Estado, mas defendido e protegido por ele.

Toda criança tem o direito de conservar sua inocência e pureza e por isso ser preservada da onda de impureza que lhe tentam impingir os meios de comunicação.

Enfim, toda criança tem o direito de ir para o Céu e de não ter quem lhe estorve o caminho, conforme a palavra de Nosso Senhor: *“Deixai vir a mim as crianças; não as impeçais! Porque delas é o Reino dos Céus”*.

Evidentemente que nem todos esses direitos coincidem com os famosos direitos humanos tão badalados. Acontece que muitos desses “direitos humanos” são contra os direitos do homem, principalmente das crianças.

Que Nossa Senhora Aparecida guarde, defenda e proteja todas as crianças do Brasil!

Televisão: análise e alerta

Que os programas de TV em geral estejam em baixo nível moral, todos sabem. Que os comerciais constantemente façam apelo ao sexo e insinuem a imoralidade, todos lamentam. Que as novelas, elas principalmente, sejam contínua pregação do amor livre, das brigas e desentendimentos familiares e da infidelidade conjugal, todos reclamam. Não há quem não proteste contra essa dissolvência da família promovida sistematicamente por esse meio de comunicação que poderia ser tão útil na educação se fosse usado criteriosamente.

O mal é que a maioria reclama mas continua contemplando extasiada e hipnotizada a telinha que tanto lixo despeja no seio das famílias.

Mas, o que é pior, são os prejuízos causados pela TV na alma das crianças.

Numa entrevista publicada pela revista “Diálogo médico” (ano 15, nº 3, 1989), dos produtos Roche, a sexóloga Maria Helena Matarazzo, terapeuta e consultora internacional da UNESCO, analisa as péssimas influências da TV na psicologia infantil. Eis alguns trechos da entrevista:

“... Moças bonitas, de roupas reduzidas, elas invadem as telinhas de milhões de lares brasileiros, esbanjando sensualidade. A criança adora e as mães também, já que basta apertar o botão do televisor para garantir o trabalho dedicado dessas babás que, aparentemente, nada exigem. Mas só aparentemente mesmo, porque a carga de erotismo despejada sobre os pequenos telespectadores pode dar problemas futuros... Tudo isso é supervalorização do erotismo, fator que, certamente, gera distorções”.

“A motivação erótica precoce, influenciada pelos meios de comunicação de massa, das Xuxas que estão aí, mostrará suas

conseqüências dentro de alguns anos... Também as novelas que as crianças assistem e acostumam-se a ver quem transa com quem, ressaltando-se que esse alguém dificilmente é marido ou esposa...”

“A hiperexcitação, eventualmente, pode levar até ao consumo de droga, porque o adolescente acostumou-se a um pique muito grande, quer cada vez mais e, certamente, não vai encontrar tanta agitação, tanta fantasia, na vida real... É uma loucura de imagens, de informações e questionamentos... A utilização de drogas pode ser uma das conseqüências da hiperestimulação. O jovem quer cada vez mais e acaba resolvendo fazer coisas “extraordinárias”, coisas que fogem ao comum, pois uma vida rotineira não lhes basta”.

“Vejo que os pais ficam perdidos, uns se preocupam, outros nem percebem...”.

É um sério brado de alerta aos pais e educadores.

Perversão programada

Em um artigo publicado no Globo de 22 de Setembro último, a atriz Maria Zilda, que interpreta a Ângela na novela “Bebê a Bordo” da TV Globo, explica sem rodeios os objetivos da novela: mudar a mentalidade das pessoas, quer dizer, pervertê-las: “*descobrir que, além do moderno, é super natural (a mãe) odiar uma filha. E vice-versa*”. E continua ela: “*na minha opinião pessoal (e empírica), o maior mérito dessa novela é tornar naturais fatos considerados culposos, como sexo em situações variadas*”.

Não é de causar espanto? Isso significa que a perversão da infância e da juventude é programada, idealizada.

Este aparelho, hoje tão comum – não há barraco que não o possua – com tantos atrativos artísticos e técnicos, visuais e auditivos, que poderia ser usado para a boa educação, tornou-se uma maldosa babá eletrônica diante da qual a infância e a juventude não só se embotam intelectualmente mas também se pervertem moralmente.

As novelas – verdadeira propaganda do amor livre, claramente dissolventes da família – os filmes e comerciais, incitamento à imoralidade, as cenas contínuas de sexo e violência, tudo isso, agravado pelo vício do vídeo, penetra como que por osmose nas mentes jovens, confirmando o apelido que os americanos deram à TV “*The Plug in Drug*”, a droga eletrônica.

Escândalo, teologicamente falando, é o ato de levar outros ao pecado. E, para quem scandaliza a infância e a juventude, Nosso Senhor disse ser melhor que dependurasse uma mó de moinho ao pescoço e se lançasse no fundo do mar.

Enfim, a visão do mundo transmitida pela televisão – o que se pode chamar de mentalidade da televisão – ignora Deus. Incute um ideal de vida feliz, sem Deus. É, portanto, não só agnóstica mas claramente propulsora do ateísmo prático.

Que tremendo fator de dissolução da família e da sociedade se tornou a televisão! Que terrível responsabilidade dos pais de família! Você já pensou nisso? Saiba que também é responsável diante de Deus.

Refletindo sobre a televisão

Em nosso último artigo procuramos dar um alerta aos pais de família sobre os prejuízos da TV na psicologia infantil.

E o título do artigo de hoje põe juntas duas coisas antagônicas, porque um dos males conseqüentes do hábito da televisão é a perda da capacidade de reflexão e raciocínio: tudo já vem pronto, enlatado. Convite à preguiça e à burrice!

E, levando-se em conta que, segundo as estatísticas, o brasileiro passa em média, diante da TV, 40% do tempo em que está acordado, conclui-se que a TV se tornou na família a principal formadora de mentalidade. E lamentavelmente, a grande deseducadora. Pois os valores que ela prega não são nada cristãos, nada educativos. É a violência, é o erotismo, é o consumismo e o materialismo. Nas novelas, por exemplo, quase todos os tipos são desajustados. O “padre da novela” é uma caricatura do verdadeiro padre, a esposa da novela é leviana (geralmente antipática em contraposição à amante muito mais simpática), o pai idem, os adolescentes, são revoltados, o casamento “dura menos que um vestido”, a fidelidade conjugal é considerada superada, e assim por diante.

Não foi portanto fora de propósito que, em recente pesquisa na Inglaterra para saber o que o povo gostaria de desinventar, um dos itens mais votados foi a Televisão! O progresso custou muito caro. Os prejuízos que causa na família são muito maiores que os possíveis benefícios.

A TV destruiu a mesa da família, aquela tranqüila união entre pais e filhos, para conversarem, para se entenderem, para se ouvirem. A TV reúne mas não une a família. Destruiu o diálogo dentro do lar. E, pior ainda, aniquilou o encontro da família com Deus através da oração. E sem conversar ninguém se entende e sem união com o Senhor a família desmoronará. E não será por isso que

presenciamos a tantas famílias desentendidas, separadas após poucos meses de fundação?!

Os maus exemplos das novelas, dos filmes eróticos, dos programas sensuais e das piadas com duplo sentido, os comerciais que fazem apelo à imoralidade e à liberdade dos costumes, entram pelos olhos, pelos ouvidos e coração. E, de tanto ver e ouvir, chega-se à convicção de que o certo da vida é isso mesmo...

Alguns leitores talvez me acharão exagerado. Gostaria de ter sido. Mas, infelizmente, essa é a perfeita realidade. Só não vêem os cegos voluntários.

O professor ideal

O professor ideal é aquele que, como o giz, se desgasta ensinando e, como a vela, se consome iluminando: vocação sublime de total dedicação.

O professor ideal é aquele que exerce a sua profissão mais como um ideal de vida do que como um modo de ganhar o sustento.

O professor ideal é aquele que, como Anchieta, é um pacificador, que acalma os alunos, os pais, os colegas: que é um mensageiro da paz, traço de união entre a família e a escola.

O professor ideal é aquele que, a exemplo de São Francisco de Assis, procura, onde houver ódio, levar o amor; onde houver erro, levar a verdade; onde houver tristeza, levar alegria...

O professor ideal é aquele que, como São João Batista de La Salle, depois de cada derrota ou fracasso, está sempre disposto a recomeçar.

O professor ideal não é estático, acomodado, passivo ou auto-suficiente, mas sim dinâmico, ativo, criativo, humilde, disposto a aprender mais e progredir sempre.

O professor ideal é amante, defensor e transmissor da verdade, e não apenas um pesquisador de opiniões subjetivas.

O professor ideal é aquele que, segundo a norma do grande pedagogo e apóstolo São Paulo, ensina a verdade “*quer agrade quer desagrade*”, lamentando que muitos preferiam “*mestres que só ensinam o que lhes agrada, à verdade preferindo as fábulas*”.

O professor ideal se adapta aos alunos sem ser relativista, é bondoso sem ser liberal, é disciplinador sem ser rigorista, é compreensivo sem ser ingênuo, é pai e amigo sem ser igualitário.

O professor ideal não é mercenário, mas um bom pastor que conhece bem as suas ovelhas e as suas ovelhas o conhecem, que só

as leva a boas pastagens, que as defende dos lobos e as procura quando se tresmalham.

Enfim, esse professor ideal não é imaginário. Ele já existiu. Ele existe. Ele é o modelo de todo professor. Chama-se o Divino Mestre: Jesus, o Bom Pastor.

Ele, o mesmo da Verdade, se adaptava, com mansidão e paciência, ao nível de seus discípulos, veiculando seus ensinamentos através de exemplos e histórias agradáveis e instrutivas (parábolas), usando o método áudio-visual (“*Olhai os lírios do campo...*”, “*contemplai as aves do céu...*”, “*Vede a figueira...*”) e, sobretudo, ensinando, com o seu exemplo, o caminho do bem, dando, com a maior prova de amor, a vida por suas ovelhas.

Avante, professor! O nosso ideal é real e concreto: basta imitá-lo, copiá-lo, segui-lo...

Filosofia do esporte

Será imperfeita e mesmo prejudicial qualquer consideração filosófica, pedagógica ou esportiva que não considere o homem na sua realidade completa, na sua dimensão corporal e espiritual. Espírito e matéria, corpo e alma, assim Deus nos criou, e nos quer sadios corporal e espiritualmente. Se a alma é mais importante, nem por isso podemos descurar a saúde do corpo: “*Mens sana in corpore sano*”, alma sã num corpo sadio, já diziam os romanos. E a palavra de Deus na Bíblia Sagrada mostra como não lhe agrada um corpo frouxo e como um corpo vigoroso e saudável colabora imensamente para a sanidade espiritual: “*A saúde e a boa compleição valem mais que todo o ouro da terra. E um corpo vigoroso é preferível a uma imensa fortuna*”. (Ecli XXX, 15).

São Paulo Apóstolo, partilhou a admiração das multidões helenas pelas proezas dos atletas nos Jogos Olímpicos. A agilidade dos corredores, estimulada no estádio pelo triunfo, pela perspectiva de uma coroa de oliveira, sugeria-lhe a beleza moral do combate espiritual, onde se trata também de desenvolver todas as energias para alcançar uma coroa incorruptível no Reino dos Céus.

E essa é a finalidade do verdadeiro esporte: tornar o corpo sadio e dócil para que paralelamente a alma possa se robustecer e enobrecer.

Assim compreendemos como o espírito cristão é altamente eficaz para dar ao esporte o seu verdadeiro sentido e finalidade.

Na alta Idade Média, - a verdadeira, e não a falsa que muitas vezes historiadores superficiais tentam nos impingir, - época em que a “*filosofia do Evangelho governava os povos*” (Leão XIII), houve uma florescência ideal do verdadeiro desporto cristão.

Pedro de Coubertin, o renovador dos Jogos Olímpicos, assim escreve: “*A Idade Média conheceu um espírito desportivo de intensidade e vigor provavelmente superiores aos que conheceu a*

própria antigüidade grega". E ele atribui isso à influência primordial da religião que criou uma atmosfera das mais favoráveis a eclosão e desenvolvimento do espírito cavalheiresco que consiste na "*lealdade praticada sem hesitação*" (Pierre de Coubertin, *La Pédagogie Sportive*).

Esta sadia e nobre concepção influenciava favoravelmente os torneios de então. Só homens de honra aí eram tolerados; os relaxados, os perjuros, os alteadores, caluniadores, os que tinham faltado respeito às damas, eram implacavelmente afastados. Mesmo no ardor da luta não se podia conceber, e ainda menos tolerar, que um cavaleiro ousasse violar as regras do combate leal.

Esse era o verdadeiro jogo limpo, o "fair-play", como dizem os ingleses. O cristianismo conseguira assim disciplinar e adoçar os costumes de guerreiros belicosos que, sem ele, teriam feito lei de sua força física e cedido aos instintos desenfreados da violência.

Foi isso infelizmente o que ocorreu quando a religião cessou de fazer parte da vida. Quando a cavalaria entrou em decadência por falta do verdadeiro espírito cristão, os cavaleiros esqueciam o seu juramento de honradez e logo os torneios se aviltavam, dominados por instintos de brutalidade.

Com a progressiva decadência, chegamos à Renascença, onde a repugnância pelo esforço físico acompanhava naturalmente a negligência própria da vida fácil, a maré alta dos costumes dissolutos que caracterizavam esta época.

Fica patente que o esporte, sem a salutar dependência das diretivas da religião e das regras morais está fadado à decadência. Esquecendo-se a nobre finalidade do esporte cai-se no embrutecimento e no mercantilismo. Os profissionais tornam-se vulgar mercadoria de negócio, sujeitos à compra de quem mais oferece. As transações e intrigas de bastidores põem em perigo a personalidade do atleta. Toda a idéia educativa, todo o objetivo moral, todo o ideal superior ao do ganho imediato ficam esquecidos. Aí então o esporte deixa de ser esporte; torna-se batalha, espetáculo,

comércio. O jogador deixa de ser esportista para ser mercenário, acrobata, qualquer coisa parecida com um gladiador hipócrita.

Quem vê nos noticiários as loucuras do esporte moderno, as falcatruas, a deslealdade, a falta de nobreza dos atletas, a ausência total de fraternidade cristã, o mercenarismo, as trapaças, a violência e brutalidade das torcidas etc., tem uma idéia de como o esporte se degrada quando se desprezam os valores morais.

Para vergonha de nossa época “civilizada”, vai ficar na história do esporte o triste espetáculo ocorrido em 29 de Maio de 1985, no Estádio Heysel de Bruxelas, poucos minutos antes do início da decisão da Copa Européia de Clubes Campeões (Liverpool X Juventus): os “hooligans” (torcedores fanáticos do Liverpool) foram os autores do massacre. Além dos 39 mortos (34 italianos, dois belgas, dois franceses e um inglês), 450 pessoas ficaram feridas e algumas delas sofrem ainda hoje as seqüelas físicas e morais daquela noite de horror.

Que todos, especialmente os jovens, tenham sempre presente o princípio de que o esporte é meio e não fim, meio para se alcançar a saúde do corpo e da alma, e não fim ao qual se deva sacrificar a saúde do corpo e os valores da alma.

Já dizia o filósofo grego Platão (República): *“Nos exercícios do corpo os jovens propor-se-ão sobretudo aumentar a sua força moral, de preferência a desenvolver o seu vigor físico”*.

Assim entendido, o esporte será um meio poderoso de restabelecimento moral da juventude, segundo a afirmação de Borotra, famoso campeão francês de tênis, quando foi Ministro dos Desportos.

O Papa Pio XII propõe esta máxima sadia: *“Cuidado do corpo, robustecimento do corpo, sim; culto do corpo, divinização do corpo, não”*. São Pio X já havia dito: *“Os jovens devem amar o esporte; faz-lhes bem ao corpo e à alma; nós mesmos nos sentimos remoçar, quando os vemos correr, saltar e recrear-se”*.

Num discurso ao Centro Desportivo Italiano, em 09/10/1955, o Papa Pio XII enumera as virtudes próprias que a educação desportiva deve formar nos jovens atletas: *“Essas são, entre outras, a lealdade que proíbe recorrer a subterfúgios, a docilidade e obediência às sensatas ordens de quem dirige um exercício de equipe, o espírito de renúncia quando é preciso esconder-se a favor das próprias cores, a fidelidade aos compromissos, a modéstia nos triunfos, a generosidade para com os vencidos, a serenidade na derrota, a paciência para com o público nem sempre moderado, a justiça se a competição esportiva está ligada a interesses financeiros livremente pactuados e, em geral, a castidade e a temperança já recomendadas pelos antigos. Todas estas virtudes, embora tenham como objetivo uma atividade física e exterior, são genuínas virtudes cristãs, que não podem adquirir-se e exercitar-se em grau exímio sem um íntimo espírito religioso e, acrescentemos, sem o freqüente recurso à oração”*.

Já dizia o nosso Didi (Waldir Pereira, do Fluminense, do Botafogo e da Seleção): *“A vida moral e disciplinada favorece muitíssimo o rendimento do jogador. Na minha opinião, é o fator principal na vida do jogador que se preza... O primeiro objeto do meu pensamento é Deus. Recorro a Ele e confio Nele”*.

Gostaria de encerrar com uma história real, ilustrativa e exemplar:

Em certa prova de ciclismo, correm os dois grandes campeões italianos: Gino Bartali e Fausto Coppi.

Fausto procura crescer em velocidade e Bartali persegue-o, ficando muito para trás o pelotão.

Em correria louca, os dois vão galgando quilômetros e quilômetros de estrada, descendo vales e subindo íngremes ladeiras.

Aproximam-se da meta os dois campeoníssimos, banhados em suor, pelo esforço dispendido ao longo da caminhada.

Coppi arde em sede, e já não tem gota de água para os lábios ressequidos, pois se lhe esgotaram as provisões.

Dilema terrível se lhe põe ao espírito: ocultar a Gino o estado que se encontra e ir perdendo terreno, ou recorrer ao adversário e expor-se a que ele se aproveite de tal...

Fausto Coppi, a arder em sede, aproxima-se do Monge Voador, Gino, e segreda-lhe com os lábios secos, muito secos:

- Gino, tenho sede. Deixas-me beber da tua água?

E Gino responde, perguntando:

- Já não tens nenhuma água, Fausto?

- Nenhuma, Gino, diz Fausto com voz sumida.

- Então, dá-me a tua “bottiglia” – acrescenta o companheiro.

E, em plena estrada, o grande Gino Bartalli divide generosamente com o seu rival a pequena porção de água de que ainda dispõe e diz:

- Olha, Fausto, se precisares mais, pede-me...

- Obrigado, Gino, - responde Fausto, cheio de gratidão.

Este sofregamente se refresca, e eis que ambos partem velozes para o final da tirada.

Os dois gigantes da estrada embalam vigorosamente. E Fausto, com as forças renovadas pela água que bebera, vence a corrida.

A multidão aclama-o com indescritível entusiasmo. Fausto, porém, logo que salta da bicicleta, corre a abraçar o generoso adversário e lhe diz:

- Obrigado, Gino. Tu és um grande Desportista.

- Tenho a certeza de que tu farias o mesmo, Fausto, murmura Gino Bartalli.

A beleza espiritual desta cena maravilhosa, desenrolada em plena estrada, demonstra como o verdadeiro esporte enobrece o homem.

Para que todos saibam, Gino Bartalli, ciclista italiano de renome mundial, foi várias vezes campeão de ciclismo, e é considerado o maior ciclista de todos os tempos.

Onde estava a força deste jovem campeão? Deixemos que ele mesmo nos conte:

“Só com as qualidades técnicas e físicas, e mesmo atléticas, não se dura muito e não se avança com continuidade. São necessárias as qualidades morais, que podem ser inatas, mas também se adquirem e que, num e noutra caso, só pela vontade se conservam. A par do vigor muscular, é mister possuir a força do espírito, o conhecimento do valor do sacrifício, a generosidade, o amor do desporto, o respeito pelo público. E sobretudo a Fé... Os princípios cristãos valeram-me na vida desportiva como na vida privada. A moral cristã indicou-me uma conduta que, além do seu valor espiritual, possui também um valor prático. E é o melhor, acreditai. Finalmente, devo dizer que a vida da Graça ajuda verdadeiramente o homem a ser desportista integral. Sempre comecei as minhas competições com o sinal da Cruz e, quando podia com a Comunhão. Ao passar junto de qualquer santuário de Nossa Senhora ou perto de algum Cruzeiro, sempre me benzia ou lhes dirigia uma saudação e ficava mais fortalecido e amparado no meio dos muitos perigos que corri”.

Que a nossa mocidade, vibrante e sadia, saiba copiar os bons exemplos. Avante! Alma sã num corpo sadio!



Material divulgado pela Fraternidade Sacerdotal São Pio X no Brasil

Visite nossa Página na Internet: <http://www.fsspx-brasil.com.br>